



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO
EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS – PPGER

PAULO ROBERTO DE SOUZA

KÂDHAWÊ TAWÁ – CELEBRANDO O BARRO
CERÂMICA TRADICIONAL, ALTERIDADE, SABERES E FAZERES ESTÉTICOS

PORTO SEGURO

BAHIA - 2020

PAULO ROBERTO DE SOUZA

KÃDHAWÊ TAWÁ – CELEBRANDO O BARRO
CERÂMICA TRADICIONAL, ALTERIDADE, SABERES E FAZERES ESTÉTICOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia com vistas a obtenção do título de mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina de Sousa.

PORTO SEGURO

BAHIA – 2020



Universidade Federal do Sul da Bahia

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

ATA Nº 8

Aos nove dias do mês de julho do ano de 2020, às 14 horas por meio de webconferência endereço: <https://mconf.rnp.br/webconf/csc-2> UFSB, realizou-se a prova de Defesa de dissertação/produto final, intitulado KÂDHAWÊ TAWÁ CELEBRANDO O BARRO CERÂMICA TRADICIONAL, ALTERIDADE, SABERES E FAZERES ESTÉTICOS, de autoria do Candidato PAULO ROBERTO DE SOUZA, aluno do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, em nível de Mestrado. A Comissão Examinadora esteve constituída pelas/os professores/as: ANA CRISTINA DE SOUSA (IFBA/UFSB - Examinadora Interna) ORIENTADORA; SPENSY KMITTA PIMENTEL (UFSB - Examinador Externo ao Programa) COORIENTADOR; EDSON MACHADO DE BRITO (IFBA/UFSB - Examinador Interno); FRANCISCA HELENA MARQUES (UFRB - Examinadora Externa à Instituição); CARLA CAMUSO (IFBA - Examinadora Externa à Instituição). Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o candidato foi aprovado pela Comissão Examinadora. Não houve indicações de correções condicionais. Foi concedido um prazo de 30 dias regimentares, para que o candidato entregue o trabalho em sua redação definitiva na Secretaria Acadêmica e na Biblioteca do Campus. Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão.

Dr. FRANCISCA HELENA MARQUES, UFRB

Examinador Externo à Instituição

MSc. CARLA CAMUSO, IFBA

Examinador Externo à Instituição

Dr. SPENSY KMITTA PIMENTEL, UFSB

Examinador Externo ao Programa

EDSON MACHADO DE BRITO, IFBA

Examinador Interno

ANA CRISTINA DE SOUSA, UFBA

Presidente

PAULO ROBERTO DE SOUZA

Mestrando



Universidade Federal do Sul da Bahia

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 8

Autor: PAULO ROBERTO DE SOUZA

Título: KÃDHAWÊ TAWÁ - CELEBRANDO O BARRO - Cerâmica tradicional, alteridade, saberes e fazeres estéticos.

Banca examinadora:

Prof. FRANCISCA HELENA MARQUES

Examinador Externo à Instituição

Prof. CARLA CAMUSO

Examinador Externo à Instituição

Prof. SPENSY KMITTA PIMENTEL

Examinador Externo ao Programa

Prof. EDSON MACHADO DE BRITO

Examinador Interno

Edson Machado de Brito

Prof. ANA CRISTINA DE SOUSA

Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. [] INTRODUÇÃO
2. [] REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. [] METODOLOGIA
4. [] RESULTADOS OBTIDOS
5. [] CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

ALTERAÇÕES OBRIGATÓRIAS:

Revisão textual minuciosa para correções ortográficas e adequação às normas acadêmicas.

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof. ANA CRISTINA DE SOUSA

Orientador

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Universidade Federal do Sul da Bahia — Sistema de Bibliotecas

S729k Souza, Paulo Roberto de, 1962 -

Kãdhawê Tawá — celebrando o barro: cerâmica tradicional, alteridade, saberes e fazeres estéticos. I Pau o Roberto de Souza. Porto Seguro, 2020. 146 p.

Orientadora: Ana Cristina de Souza

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Sul da Bahia.

Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais. Campus

Sosígenes Costa

1 _ Artesanato. 2. Cerâmica. 3. Pataxó_ 4. Retomada. 5. Tecnologia.

I. Souza, Ana Cristina de. II. Título.

CDD: 74550981

Bibliotecário: Lucas Sousa Carvalho —CRBS/1883

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO E CONSULTA

NOME	Paulo Roberto de Souza
CPF	03513463847
CURSO	PPGER Programa de pós-graduação em Ensino e relações étnico-raciais
E-MAIL	rakupralua@gmail.com

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo o Sistema de Bibliotecas da UFSB a armazenar e publicar em repositório institucional ou disponibilizar para consulta *in loco* sem pagamento de quaisquer direitos autorais patrimoniais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, o texto integral da obra abaixo citada, a título de divulgação da produção científica brasileira.

Tipo do material:

() Monografia () Artigo Científico () Projeto de Pesquisa (x) Dissertação () Mestrado ()

Outro. Especificar: _____

Título do material:

KÃDHAWÊ TAWÁ – CELEBRANDO O BARRO
Cerâmica tradicional, alteridade, saberes e fazeres estéticos

Orientador (a), se houver: Ana Cristina de Souza

Data da defesa/ publicação: 03/07/2020

Porto Seguro, 23 de setembro de 2020.

Paulo Roberto de Souza

(Autor)

BIBLIOTECA – PROTOCOLO DE DEPÓSITO LEGAL

Declaro que o depósito legal referente ao sr. (sra.) _____

Dedico este trabalho à Ana da Conceição Alves dos Santos (Dona Nega) e à Ricardina Pereira da Silva (Dona Cadu). Também aos meus antepassados, lembrados aqui na figura de meu avô, Elpídio de Souza, o “Brasileiro” (*in memoriam*), e de Dona Filinha Soares Oliveira de Souza (*in memoriam*), minha avó querida. A todos os mestres tradicionais que me acompanharam nesta caminhada, aos Inkises e Encantados, que permitiram que os conhecimentos chegassem até mim com afeto, amor e carinho infinitos.

Agradecimentos

Agradeço aos Deuses, Deusas, ao Universo e aos meus antepassados por terem me permitido chegar até aqui, ainda com uma “certa dose” de sanidade preservada. Não foi fácil.

Por causa disso mesmo, o número de pessoas a quem devo agradecimentos é enorme e, muito embora não possa colocar todos neste escrito, vou destacar alguns.

Aos Pataxó, que me receberam na Aldeia da Jaqueira e me abriram as portas de uma nova vida, desde Dona Nega e toda a sua família, principalmente o Aponê, sua esposa e filhas; ao grande Cacique Karajá, uma lenda, história viva da luta do povo Pataxó; ao meu amigo e irmão Oiti Pataxó, principal responsável pela perenidade deste trabalho; ao amigo (Fabinho) Kamayurá, que acreditou nisto em 2010; ao Aderno, que com seu silêncio e sua sabedoria ensina a todos nós; ao Siratã, hoje cacique da Aldeia da Jaqueira, Swindara e sua linda família, que retrato neste projeto com muito respeito e admiração; a Tawá e Sirleide, dois lutadores, guerreiros da luz, da música e da educação, um norte para toda a aldeia; ao Juary e sua família, liderança que me abriu portas incríveis e que faz muito bem o papel de interlocutor político da comunidade; o que falar de Nayara, Nitxinawã e Jandaya, as três mulheres mais incríveis e guerreiras contemporâneas que conheci, filhas de Dona Nega e lideranças incansáveis na luta da afirmação sociocultural Pataxó; Angohó Pataxó, um exemplo de mulher resignada e batalhadora, que no seu silêncio grita por melhores dias nas aldeias; as pesquisadoras Arissana, Ariema e Anari, artistas em cada uma de suas atividades, mulheres batalhadoras e queridas, referências para essa ação; Aricuri Pataxó e sua bela família, delicado, com um jogo de cintura espetacular, um verdadeiro gênio na forma de aprender e de ensinar; Berg Pataxó e Serginho Goypã, sempre presentes e atentos, e o Gora, talentoso, dedicado e com uma sensibilidade e capacidade inigualáveis, um grande artista das imagens. Tem a Frany Pataxó, a tímida cuidadora, sempre atenta e pronta, arredia, mas de alma delicada; Makayaba, o guerreiro da luz, um ser humano cheio de amor e companheirismo. Preciso também falar da Dona Tonha, ceramista “retada” de Coqueiros que aprendeu na lida as coisas da cerâmica e, com uma pureza e delicadeza ímpares, detalhou-nos seu sacrificado aprendizado. Agradeço à Dona Quem e à Dona Raimunda, ceramistas também de Coqueiros que abriram as portas das suas vidas e das suas casas para a pesquisa. Agradeço à Dona Ana e ao Ademir, mãe e filho, muito mais que ceramistas, referências religiosas no recôncavo da Bahia. Ademir me mostrou a ligação entre a espiritualidade e o fazer cerâmica, Pai Ademir de Oxum é ajuda em tempos carrancudos, é esteio espiritual de boa parte da comunidade. Axé meu pai!

Agradeço muito aos meus colegas do PPGER, a todos e todas, sem exceção, pacientes e sempre solícitos, prontos a dar o incentivo necessário naqueles momentos em que a gente pensa em desistir mesmo. Essa turma de 2018.2 é *show*.

Agradeço aqui à galera que acreditou e participou de forma direta desse projeto desde o início: Nágila Araújo, querida amiga; Victor de Jesus dos Santos, liderança jovem Pataxó; Elias Ferreira Silva, hoje brigadista dos mais competentes; Fábio Conceição Silva, o Fabinho Kamayurá, meu amigo e irmão; Andressa Carvalho dos Santos, mestranda da UFBA, uma das pessoas que me desafiou ao ENEM; Gefferson de Oliveira Pesca, uma delicadeza que poucos têm; Alex Santos Sandes, liderança aguerrida, um guerreiro em sua essência, e ao Goypã Pataxó, pronto para tudo. Todos nos emanamos no registro fílmico de parte desta ação, onde eles foram os protagonistas de sua própria história.

Mesmo que eu levasse a vida toda que me resta agradecendo, ainda não seria suficiente. Tantas lições de vida, tantas vidas me foram permitidas viver, desde o cotidiano da pesquisa em Coqueiros até a convivência na Aldeia da Jaqueira, uma relação pacífica, tolerante e resiliente, sempre embasada na vontade da comunidade e com foco na educação, como base para a transformação através do amor e do afeto incondicionais para com todos os seres vivos.

Aos mestres que se sucederam na academia, principalmente Spensy Pimentel, um amigo que levo para a vida, e a quem agradeço imensamente, ele é responsável por boa parte deste trabalho. Seria injusto não citar a professora Cinara Araújo; o professor Márcio José Silveira Lima, que trouxeram a escrita e a filosofia para este trabalho; a Rosangela de Tugny e o Augustin de Tugny, sempre presentes e atentos; a professora May Waddington Telles Ribeiro, minha querida amiga, um grande presente que a vida me deu; o Paulo Dimas, também querido e militante do bem viver; a professora Alessandra Buonavoglia, que confiou e me colocou em campo no parque Cariri, uma experiência muito enriquecedora. Agradeço especialmente ao querido amigo e professor Dr. Sergio Cerqueda, pelo carinho e envolvimento com os quais ele ensina a ensinar. Vocês fizeram a diferença.

Agradeço a todos os meus queridos professores do PPGER, bravos guerreiros, desde nossa coordenadora, a professora Dra. Eliana Povoas Pereira Estrela Brito, uma querida e confiante, aos professores e professoras doutores e doutoras que me abriram as portas desse mestrado: Alexandre de Oliveira Fernandes; Ana Cristina de Sousa (minha querida orientadora); Carolina Bessa Ferreira de Oliveira; Dodi Taveres Borges Leal; Edson Machado de Brito (Edson Kayapó); Fábila Barbosa Ribeiro; Francisco de Assis Nascimento Jr.; Idalina Maria Almeida de Freitas; Joceneide Cunha dos Santos; Lidiane Maria Ferreira de Souza; Maria Aparecida Oliveira

Lopes (minha eterna mestra e amiga querida); Maria do Carmo Rebouças da Cruz Ferreira dos Santos e Richard Santos, pessoas que aprendi a querer, a amar e respeitar. Obrigado, de coração, a cada um de vocês.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Dra. Ana Cristina de Sousa, entre tantas coisas, pela paciência, pelo carinho, pelo envolvimento; por dispor seu tempo, sua experiência e seus conhecimentos profundos sempre com generosidade e delicadeza. Mais que uma luz, um verdadeiro exemplo de afeto e de como a teoria pode ser associada à prática. É muito bom poder trabalhar com alguém a quem se respeita e admira. Sem ela, este trabalho não teria o alcance e o peso que adquiriu.

Agradeço ao meu filho e às minhas filhas: Gabriela, Larissa; Maylah e Luiz Otávio (pai da Maria Flor e da Anne, minhas netinhas), amores dos quais fui obrigado a me afastar fisicamente durante este percurso, o que na vida talvez tenha sido a minha mais dura experiência.

Agradeço às minhas ex-esposas, Sonia Maria Belardinucci (*in memoriam*) e Maria Ângela Vieira da Cunha, guerreiras que foram firmes, cuidando sozinhas com muito amor e carinho de minhas crias, o que me proporcionou a tranquilidade para seguir em frente.

Tenho que agradecer especialmente à minha amiga inspiradora Dra. Francisca Helena Marques, quem abriu as portas da pesquisa através do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA), do qual faço parte com muito orgulho, a Chica, como a chamo carinhosamente, é responsável direta pelo meu êxito.

Sobretudo, agradeço à Maria Eliana Gonçalves Luiz, minha companheira nessa caminhada, meu esteio, meu Norte, minha estrela guia num caminho por vezes escuro e tortuoso. Ela é responsável por essa realização. Agradeço e dedico meu respeito, minha admiração profunda e, principalmente, meu amor incondicional a ela.

Gratidão a todos, pela condição de viver tantas vidas numa só.

KÃDHAWÊ TAWÁ – CELEBRANDO O BARRO

Cerâmica tradicional, alteridade, saberes e fazeres estéticos

Figura 1

Dona Takwara Pataxó (Ana da Conceição Alves dos Santos – Dona Nega), anciã da aldeia da Jaqueira em atividade pela retomada da cerâmica Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza.

“A gente fazia moringa, pote, pratinho de barro... tudo fazia, e era bem feitinho mesmo.”

Universidade Federal do Sul da Bahia / UFSB

Reitora: Profa. Dra. Joana Angélica Guimarães da Luz

Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa – Pró-Reitor: Rogério Herminda Quintella

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais/PPGER

Coordenadora: Profa. Dra. Eliana Povoas Pereira Estrela Brito

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina de Sousa

Coorientador: Prof. Dr. Spensy Kmitta Pimentel

Mestrando: Paulo Roberto de Souza

Data: 03/07/2020

KÁDHAWÊ TAWÁ – CELEBRANDO O BARRO
Cerâmica tradicional, alteridade, saberes e fazeres estéticos

RESUMO

Este trabalho é resultado de conexões, construídas através do afeto e da prática da cerâmica. Ele relaciona os modos dos saberes e fazeres da produção cerâmica na comunidade tradicional da Reserva Pataxó da Jaqueira, Porto Seguro/BA. Está também relacionado ao ensino e à educação informal nos espaços de produção, tem foco nas técnicas e procedimentos ancestrais, perpassando os universos educacionais, tecnológicos e humanos da prática e da maestria. Tem como objetivo específico contribuir com a comunidade Pataxó para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social do seu território, por meio da criação de um curso de Artesão em Cerâmica como Tecnologia Social.

Palavras-chave: artesanato; cerâmica; pataxó; retomada; tecnologia; social.

KĀDHAWÊ TAWÁ – CELEBRATING THE CLAY
Traditional ceramics, alterity, knowledge, and aesthetic doings

ABSTRACT

This work is the result of connections, built through affection and the practice of ceramics. It relates the ways of knowledge and practices of ceramic production in the traditional community of Reserva Pataxó da Jaqueira, Porto Seguro/BA. It is also related to teaching and informal education in production spaces, focusing on ancestral techniques and procedures, permeating the educational, technological, and human universes of practice and mastery. Its specific objective is to contribute with the Pataxó community to the scientific, technological, economic, and social development of its territory, through the creation of an Artisan Course in Ceramics as Social Technology.

Keywords: crafts; ceramics; pataxó; retaken; technology; social.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Dona Takwara Pataxó (Ana da Conceição Alves dos Santos – Dona Nega), anciã da aldeia da Jaqueira em atividade pela retomada da cerâmica Pataxó.....	10
Figura 2	Reunião preparatória de apresentação da primeira oficina de cerâmica.....	20
Figura 3	Aula de cerâmica com a participação da mestra Dona Nega Pataxó na Aldeia da Jaqueira em junho de 2011. A mestra tradicional completou 100 anos em 2019.....	31
Figura 4	Dona Ana da Conceição Alves dos Santos, anciã da aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira, sua janela e seu pote.....	36
Figura 5	Dona Cadu (100) e Rodrigo (22), ceramistas de Coqueiros – Maragogipe/Bahia, mestre e aprendiz em plena atividade. A imagem mostra a força dos ensinamentos dessa mestra tradicional em seu ateliê. Possivelmente a mais velha e um dos mais jovens ceramistas em atividade no Recôncavo Baiano.....	41
Figura 6	Alunos multiplicadores da Cerâmica Pataxó em atividade na aldeia Pataxó Mirapé em Porto Seguro/Bahia – interação estética através da cerâmica.....	43
Figura 7	No CIEPS – interação estética entre alunos e o mestre indígena Oiti Pataxó num projeto de arte-educação que esteve entre os 12 mais importantes do Brasil, segundo a Funarte (2018).....	44
Figura 8	Timberos (cachimbos) em cerâmica. Objetos criados a partir da retomada da cerâmica Pataxó. Porto Seguro, 2011.....	50
Figura 9	Aula de Formação de Multiplicadores da Cerâmica desenvolvida na Aldeia da Jaqueira em 2011, com a participação de jovens, adultos e crianças.....	55
Figura 10	Peças resultantes da ação, expostas no Centro de Cultura de Porto Seguro em 2012.....	56
Figura 11	Oiti Pataxó em aula ministrada para as meninas e meninos da aldeia por ocasião da gravação do filme “Celebrando o Barro, Celebrando a Vida”, uma atividade cultural decorrente do diálogo em torno da cerâmica	79

LISTA DE ABREVIATURAS

ABC	Associação Brasileira de Cerâmica
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRM	Conselho Nacional de Recursos Minerais
CUNI	Colégio Universitário
CIEPS	Centro Integrado de Educação de Porto Seguro
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Arquetônico Nacional
LEAA	Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PJ	Pessoa jurídica
PF	Pessoa física
PPGER	Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais
PROEXT	Projeto de Extensão
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

“[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.”

Boaventura de Sousa Santos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. ENTRE A PRÁTICA E A TEORIA	21
3. OBJETIVOS.....	28
4. JUSTIFICATIVA	29
5. METODOLOGIA	32
6. KÃDHAWÊ TAWÁ: CELEBRANDO O BARRO COM OS PATAXÓ	36
6.1 DONA NEGA E A RETOMADA DA PRODUÇÃO CERÂMICA	36
6.2 O CURSO DE ARTESÃO EM CERÂMICA E A RETOMADA CULTURAL.....	42
6.2.1 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL.....	46
6.3 A MATERIALIDADE DA CERÂMICA: DO OBJETO E SUA EXISTÊNCIA CULTURAL.....	47
6.4 O BARRO E O JOÃO DE BARRO.....	51
7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXO 1 – CRONOLOGIA E REGISTRO DE UMA VIVÊNCIA	72
ANEXO 2 - CURSO DE ARTESÃO EM CERÂMICA	79
ANEXO 3 – FIGURAS ILUSTRATIVAS	108

1. INTRODUÇÃO

Peço licença aos mais velhos, sobretudo àqueles que me inspiraram e orientaram na busca desse conhecimento tradicional. Peço licença também aos mais moços, para que me ajudem na compreensão e transformação desses ensinamentos.

Inicialmente, gostaria de qualificar meu lugar de fala. Sou Paulo, sou Guarany, sou Kaiowá, sou Mbiá, sou Hã Hã Hãe, Saterê, Yanomami, Bororo, Yamamadi, Kaapor, sou Kariri-Xocó, sou Tikmû'ûn Mâxakani, sou Karajá, Kamaiurá, sou Krenac, sou Kaapor, sou Kaiapó, Munduruku, Kaxinawá, (Huni Kuin), Pankararé, Kraô, sou Tamoio, Tupinambá, Tupinambá-de-Belmonte, de-Crateús e de-Olivença. Sou Pataxó, sou Wery Tawá. Sou mais de mil e duzentos povos e línguas que foram massacrados pelo colonialismo covarde neste continente. Sou homem, sou mulher, sou cis, sou trans, sou bi, sou gay, sou heterossexual. Sou filho de mãe solteira e de pai europeu. Sou neto de operários e bisneto de escravizados. Sou brasileiro, sou plural, sou um aprendiz. Sou hoje parte da população brasileira que despreza o autoritarismo, a ditadura e o fascismo. Sou artista, sou aspirante a pesquisador e estudante de Pós-Graduação do Programa de Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB).

O universo que abordarei e que resultou na elaboração deste trabalho refere-se a um saber milenar, o da produção cerâmica pelo povo Pataxó e que, nas últimas décadas, deixou de ser uma prática comum às comunidades indígenas da região do sul da Bahia. Há alguns anos me dedico a pesquisar e, por convicção, participar de ações culturais, inclusive de retomadas de saberes, o que acaba contribuindo para valorizar e registrar as etapas deste processo, a partir de fragmentos de memórias de uma encantadora mulher, que é a força e a sabedoria por trás da “retomada da produção cerâmica pelos Pataxó”¹.

O trabalho a ser apresentado resume ações de arte-educação, focadas nos fazeres e saberes ancestrais relativos à cerâmica. A sua execução foi balizada por questões que envolvem a preocupação com a promoção da cidadania, do desenvolvimento humano, do respeito à diversidade étnica e cultural, da sustentabilidade e do processo educativo transformador que acreditamos e almejamos.

¹ Tais ações de retomada cultural da cerâmica Pataxó começaram com a conquista do prêmio Interações Estéticas em Pontos de Cultura, concedido pela Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), em 2010. Portanto, uma política pública. A importância desse primeiro passo através do prêmio foi fundamental para as ações subsequentes.

Tive como referências históricas e culturais, principalmente, os saberes de Dona Ana da Conceição Alves dos Santos, também reconhecida como Dona Nega Pataxó ou Takwara Pataxó, anciã da Aldeia Pataxó da Reserva da Jaqueira, Porto Seguro/BA, que me permitiu vivenciar na prática o que significa o processo de construção de análises a partir da decolonialidade, pois o seu olhar e a sua interpretação do universo cerâmico e cultural guiaram a pesquisa e a intervenção. O que fiz foi atuar como um operador a serviço de sua sabedoria e com o desejo de transmitir seus conhecimentos para as novas gerações.

KĀDHAWÊ TAWÁ, na língua Pataxó, quer dizer CELEBRANDO O BARRO e é através e em torno da celebração do barro que este trabalho se desenvolve e reflete o comprometimento com os setores populares, principalmente com os povos indígenas, partindo do compromisso com a educação e com sua capacidade de propor o “encantamento” como currículo. Por meio do acesso aos conhecimentos ancestrais do barro – seus usos, seus ritos e seus mitos – acontece a retomada cultural, que tem nos seus fazeres também o seu preparo, como argila, para a confecção da cerâmica. O ato de transformar a cerâmica em um pote permitiu todo um processo de discussão, difusão e construção de múltiplos conhecimentos, principalmente com os indígenas Pataxó da Reserva da Jaqueira, lugar principal desta jornada.

Registrar e refletir, em formato acadêmico, sobre essa complexa dinâmica não é um desafio simples, mas me propus a fazê-lo em reconhecimento à relevância dessa comunidade, espaço de resistência e criação, de vida e de dinâmica cultural, de pessoas admiráveis e de amigos queridos, que me acolheram durante tanto tempo e que confiaram em mim. É o mínimo que posso fazer pelo tanto que recebi e continuo a receber dessa comunidade. Esse aspecto indicia minha escolha epistemológica, focada numa perspectiva de enfrentamentos dos problemas sociais e socioeconômicos, reconhecendo que existem muitos desafios por trás de cada ação e assunto relacionados ao barro e à cerâmica.

A proximidade com os Pataxó permitiu-me acompanhar os desafios por eles vivenciados para aprimorar, de forma sustentável, a relação que estabelecem com o seu território. Sem nenhum pudor temos que entender que há um embate na própria comunidade que se dá para além da perspectiva cultural. Há hoje um grupo que se articula em torno da conservação florestal, com o pensamento de um turismo não agressivo e com foco no meio ambiente.

No mesmo espaço há outro grupo, parte da comunidade que sobrevive do artesanato em madeira e que criou, a partir dessa perspectiva, seus valores socioeconômicos e, porque não dizer, até culturais relacionados à exploração da floresta.

Considerando que a Aldeia da Jaqueira é uma comunidade intensamente dependente da atividade turística – mediante dinâmica de visitação à aldeia e comercialização de produtos artesanais –, o meu olhar e possibilidade de contribuição foi importante no sentido de pensar em ações alternativas que pudessem reduzir ou evitar atividades de impacto direto ao ambiente florestal, especificamente no que se refere à extração da madeira para o artesanato, o que lançou luz e foco de interesse para a retomada da produção cerâmica como alternativa.

Deixo claro que, até onde pude observar, a comunidade da Jaqueira tem uma atuação ecologicamente responsável no que se refere à proteção da mata e dos seres que nela vivem, não permitindo desmatamento ou caça em seu território. Atua de forma sistemática para o replantio de espécies vegetais e a preservação de todo o ambiente e vida na Reserva (mantém um viveiro de mudas para ajudar nisso), e é justamente por essa demonstração de consciência ambiental que busca por estratégias mais sustentáveis e em harmonia com o meio para todo o seu povo nas demais aldeias, que, em grande parte, necessitam da comercialização de artefatos produzidos em madeira.

A perspectiva de retorno a uma prática ancestral atrelada ao melhor manejo do ambiente foi determinante para o engajamento e o apoio da comunidade ao desenvolvimento deste trabalho; na verdade, essa questão foi levantada pela própria comunidade nas diversas rodas de conversa que tivemos. Nayara Pataxó e Nitxinawã Pataxó foram responsáveis por pensar nessa proposta e identificaram a premissa de substituição comercial e de sobrevivência cultural.

A problemática que passou a alimentar essa pesquisa envolveu a compreensão de como viabilizar isto: colaborar para reintroduzir um fazer cerâmico que, até onde se sabe, foi interrompido pelas comunidades indígenas da região e transformá-lo em alternativa de geração de renda. Outra questão diz respeito aos desafios de como esse produto e vetor cultural pode vir a ser inserido em um circuito comercial, que permita às comunidades a manutenção de suas formas de vida.

A realização deste trabalho foi possível graças à generosidade da comunidade que me recebeu de forma muito acolhedora em seu meio (Figura 2) ao longo dos últimos dez anos, o que me faz crer ser necessária uma referência, mesmo que resumidamente, desta cronologia (Anexo 1). O processo de aproximação e vivência cotidiana fez com que laços de confiança e cumplicidade fossem gradativamente estabelecidos.

Nas páginas que seguem procuro expor detalhes desse processo, indo desde a minha chegada à comunidade, meu encantamento e atrevimento ao propor que me deixassem colaborar

com seus desafios, até aos meus próprios desafios, ao procurar traduzir a imensidade que foi a experiência de viver o que vivi nos últimos anos, repleta de afeto e aprendizagem.

Figura 2

Reunião preparatória de apresentação da primeira oficina de cerâmica.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2010.

2. ENTRE A PRÁTICA E A TEORIA

Este trabalho é estruturado a partir de marcos conceituais que se interligam e auxiliam na análise e compreensão do rico universo abordado. Temos inicialmente o marco social, relacionado aos saberes expressos pela oralidade de Dona Ana da Conceição Alves dos Santos (Dona Nega Pataxó), anciã da aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira. Seus saberes foram por mim colocados em diálogo com os fazeres de outra ceramista de igual peso e representatividade cultural, Dona Ricardina Pereira da Silva (Dona Cadu), mestra ceramista do Distrito de Coqueiros, município de Maragogipe, no Recôncavo Baiano, o que me ajudou a abrir novas portas de percepção sobre a relação entre cerâmica, ancestralidade e coletividade. Pelas palavras e mãos de Dona Nega e de Dona Cadu me deixei e me deixarei levar por esse universo.

O marco cultural, por sua vez, tem na cerâmica e seus fazeres e saberes uma demanda urgente de retomada pelo povo Pataxó. E não há como não relacionar tais questões socioculturais ao marco ambiental, na perspectiva de que a cerâmica possa vir a ser incorporada como alternativa ao uso da madeira na produção de arte e artesanato na região.

A partir dessa tríade e por meio da oralidade, das lembranças e dos esquecimentos das duas mestras centenárias, chegamos ao currículo do curso de Formação em Artesão em Cerâmica, produto deste trabalho e que se caracterizou como o percurso mais viável para possibilitar a reintrodução desse saber na comunidade, mas também para possibilitar à comunidade, como ela mesma prevê, uma alternativa econômica viável.

A dinâmica de retomadas Pataxó, por sua vez, como nos diz Anari, pesquisadora da retomada da língua Pataxó, perpassa a língua, as danças, as cerimônias, as histórias e os costumes do território, e tem nos professores indígenas seu berço de realização, constitui-se num traço forte dos Pataxó, fazendo com que a produção cerâmica seja mais um dos elementos a serem reincorporados nesse processo. Sua retomada aprimora a relação cultura e ambiente, permitindo-lhes reintroduzir práticas que interligam princípios de maior sustentabilidade ambiental e econômica por comunidades que dependem da atividade artesanal como principal fonte de renda e subsistência.

Guiado por essas questões, procurei focar a pesquisa em referenciais que abordassem os universos da cerâmica, do artesanato, da educação, da identidade e do território, mas sem perder

de vista a experiência única de convivência na Aldeia, que correspondeu ao maior aporte à minha visão do universo em questão. Em reconhecimento à importância dos saberes apreendidos na comunidade da Jaqueira, assumo a sua centralidade neste trabalho, cabendo aos demais saberes acadêmicos um papel coadjuvante ao longo de todo o percurso, mas igualmente esclarecedor do amadurecimento do meu olhar e prática.

Devo muito ao campo, à observação e à convivência na aldeia e agradeço por esse privilégio. Estive, durante boa parte da pesquisa, exercitando os fazeres numa intensa produção experimental da cerâmica na Aldeia Pataxó da Jaqueira.

Essa atividade teve início quando, em conjunto com a comunidade, recebemos o prêmio Interações Estéticas Funarte 2010, o que foi fundamental para a retomada, e também para este processo de escrita. A partir desse momento, você poderá sentir um ir e vir frenético nessa dissertação, por conta do movimento que se sucedeu após a primeira incursão em 2010 e 2011. A ida ao Recôncavo Baiano, entre 2013 e 2015, não interrompeu a minha comunicação e a ação na aldeia, estas apenas ficaram mais espaçadas. Com o retorno definitivo, em 2016, trouxe na bagagem a reponsabilidade de um grupo de pesquisa que me faz continuar ligado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), umbilicalmente, através do Núcleo de Documentação e Memória (NUDOC); do Arquivo Dalva Damiana de Freitas, o mais completo e um dos mais importantes arquivos do samba de roda e das manifestações culturais do Recôncavo da Bahia, através do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA)/Recôncavo, onde até hoje mantenho trabalho constante de pesquisa e registro orientado pela professora Dra. Francisca Helena Marques. A partir de 2016, na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), iniciei o curso de Bacharel em Artes e pude retomar as ações na aldeia, agora com um caráter acadêmico.

Numa outra categoria de revisão da bibliografia, nomes como Dona Nega Pataxó e Dona Cadu talvez não figurassem. Elas não escreveram livros. Na verdade elas nem escrevem, embora sejam verdadeiras enciclopédias vivas, com uma riqueza de informações e detalhes que nenhum livro é capaz de conter. Tanto Ana quanto Ricardina assinaram suas autorizações para esta pesquisa com a marca de seus dedos embebidos no barro, matéria-prima de seus fazeres diários. Dona Nega Pataxó e Dona Cadu são as grandes responsáveis por este projeto existir e se transformar em realidade. Elas são, sem dúvida, mais que inspiração, essas mestras tradicionais são as nossas principais fontes de conhecimento e devem ser reconhecidas como tesouros vivos da humanidade,

segundo orientação da própria ONU. É uma honra e uma satisfação, mas também uma questão de justiça, poder citá-las como as principais fontes de consulta desta pesquisa.

Muitos outros são os influenciadores. Meu reconhecido desconhecimento teórico fez com que eu buscasse por uma vasta literatura na ânsia de encontrar os fios para os enlaces, que parecem ainda necessários à academia. O percurso de diálogo com diferentes autores, apropriando-me de conceitos e experiências sobre o universo da pesquisa, foi grande e configura imenso desafio de síntese. Deter-me-ei em alguns poucos influenciadores, mas igualmente fundamentais.

Destaque para Paulo Freire e sua obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2000), que funciona como um dos fios condutores dessa trama. Sua vida e obra confundem-se com o processo educacional, inspirando as bases deste trabalho. Suas teorias norteiam a minha proposta de arte e educação desde 2010 e agora a proposta do curso de Artesão em Cerâmica, provocando e estimulando um planejamento centrado na opinião, nas necessidades e nos critérios dos mestres e da comunidade.

Entre os muitos influenciadores indígenas é preciso citar o professor Edson Kayapó, que nos inspira na luta diária por uma educação transformadora, de qualidade e com afeto, no sentido mesmo de afetarmos-nos uns aos outros, de forma positiva e usando o critério do envolvimento, muito mais do que desenvolvimento. A vida na aldeia nos ensina exatamente isso, solidariedade. Marcos Terena, sábio amigo e grande liderança, expressa a gênese do movimento indígena numa frase que me atrevo a pegar emprestada para fazer parte deste projeto: “Posso ser o que você é sem deixar de ser quem eu sou”. Ambos são fontes de inspiração e respeito.

O professor Dr. Spensy Pimentel, coorientador e amigo, apresentou-me vários conceitos, entre eles o de tecnologia social e suas aplicações, principalmente por este modelo ser, em tempos de políticas públicas genocidas, uma forma alternativa de financiamento para projetos com estas características: educacional, étnico-racial, formador e libertador. O que, na prática, cria empecilhos ideológicos para sua realização, apesar da forte tendência profissionalizante nos moldes de Formação Continuada. Resistência talvez relacionada ao fato dos saberes e fazeres culturais nos fazerem pensar.

Segundo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tecnologia social deve ser entendida como “produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de

transformação social (RTS)”. A reaplicação, por sua vez, pode ser entendida como adequação sociotécnica do produto tecnológico, considerando as particularidades do entorno sociocultural e econômico da sociedade (CNPq, 2018). Por meio deste e de conceitos mais amplos, foi possível vislumbrar a execução do projeto do curso, que permitiu colocar em prática o ensino da produção cerâmica.

Também recorri às irmãs Arissana Braz Bomfim de Souza (2012) e Anari Braz Bomfim de Souza (2017). Arissana Pataxó, que em sua dissertação “Arte e identidade: adornos corporais Pataxó” estuda os adereços do povo Pataxó ao longo dos últimos anos e traz uma melhor compreensão do pensamento Pataxó acerca da produção de seu artesanato, focado nos saberes tradicionais, mas que hoje já é produzido e comercializado em rede. Quando Arissana relaciona a dinâmica das redes, a pesquisadora afirma que se trata de uma prática também cultural, o que nos possibilita entender as mudanças expressivas nos modos dos fazeres artesanais do território, sempre pautados pelas falas e pelos conhecimentos dos mais velhos. Já Anari reivindica que os povos indígenas têm o direito de retomar sua história, utilizando-se do exemplo do início da retomada da língua originária pelos Pataxó, a partir de 1998, como importante elemento potencializador dessa dinâmica cultural. A língua retomada foi batizada de Patxohã pelo grupo de professores e pesquisadores indígenas do grupo Atxohã, que trabalha intensamente com fontes documentais e pesquisas de campo, resgatando registros históricos e memórias dos anciões para este fim. A retomada da cerâmica se inspira e recebe colaboração direta deste grupo de professores que atuam na retomada da língua, demonstrando a determinação e capacidade de articulação quanto à valorização e reintrodução de aspectos culturais, mesmo que temporariamente adormecidos. Enfim, Arissana e Anari nos auxiliaram na intrincada tarefa de revelação dos modos de educação, produção e comercialização do artesanato em rede e na perspectiva de sua retomada cultural, mostrando uma forma de ser e de fazer fundamental para a lógica deste trabalho.

As relações do grafismo (pintado na pele, traçado ou esculpido nas peças cerâmicas) ajudam a constituir uma antropologia da percepção que nos leva a analisar a agência da imagem na sua relação com o universo cultural e cognitivo no qual age (LAGROU; SEVERI, 2013). A partir daí, sobre grafismos e figuração indígena, chegamos às quimeras Pataxó, inspiradas no entorno da própria aldeia e nas figuras míticas da infância, encontradas nas narrativas de Nayara Pataxó e Sirleide Pataxó, educadoras da Jaqueira que nos inspiram e nos colocam entre Caiporas, Katumbaiás e Mães da Lua.

Apoio-me também na pesquisa de Sarah Siqueira de Miranda (2006), “A construção da identidade Pataxó: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha”, que me ajudou a entender o processo de construção da identidade indígena Pataxó na Aldeia Coroa Vermelha, de onde provém parte dos alunos do curso técnico em cerâmica. As reflexões desenvolvidas por Miranda, associadas às de outros pesquisadores, somaram-se à vivência de imersão que tive na comunidade da Jaqueira ao longo do trabalho de campo, ajudando-me a entender a dinâmica complexa dessa comunidade, inserida em um contexto de longo e intenso contato com a população não indígena, tanto regional e nacional como internacional, que na atualidade visita a Jaqueira diariamente.

A vida na aldeia sofre constantes abalos provocados por influência externa, uma vez que é intersectada pela forte atuação do mercado turístico. A aparente “mercantilização de culturas”, que exotiza e transforma as diversas dimensões da cultura ameríndia em atrativo central, abre o debate sobre o “índio autêntico”, ou “o índio que mora na nossa cabeça²” (PIMENTEL, 2012), que corresponde a uma série de estereótipos consolidados no imaginário coletivo, configurando como um importante fator na relação entre “índios e não índios”.

No território da “Costa da Invasão”, muito mais que do “Descobrimento”, a prática da invasão colonizadora acontece diariamente. O turismo, não se pode negar, referencia parte desse projeto, uma vez que o público-alvo para a comercialização dos objetos em cerâmica entrelaça-se nessa simbiótica relação de valores estéticos. É difícil ser decolonial, como propõe Stuart Hall (2002) na “Meca da Colonização”, onde a própria colonização é um meio de atração principal.

Para entender o objeto cerâmico e suas relações dialógicas com a cultura, inspirei-me na produção de Marcus Dohmann, em especial no texto *A experiência material: a cultura do objeto* (DOHMANN, 2013). A partir de suas reflexões foi possível traçar paralelos para perceber o percurso da cerâmica Pataxó na contemporaneidade e o seu processo de retomada pelos Pataxó do sul da Bahia.

Em “Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política” (MIGNOLO, 2008) encontrei pistas para a compreensão de uma etapa de imposições culturais que se refletem até hoje nesse território. A farsa do descobrimento, bem como todas as decorrências desse ato, esclarece-se através do paradigma da descoberta das Américas, narrativa a

² O livro do antropólogo Spensy Pimentel *O índio que mora na nossa cabeça* (2012) trata exatamente dessas questões. Esse livro é voltado a auxiliar alunos e professores na compreensão dos povos indígenas.

louvar a Europa triunfante e vitoriosa. Mignolo (2017) ilumina “a invenção do Brasil”, que explora as inúmeras versões históricas de corpos e de lugares subalternizados pela colonialidade.

Darcy Ribeiro e, principalmente, Berta Ribeiro, com sua fundamental obra *Suma etnológica brasileira*, foram importantíssimos para a realização deste trabalho, tanto por ajudar a analisar aspectos da construção cultural e histórica da cerâmica indígena como por analisar comportamentos e observar a “não prática” da cerâmica no caso Pataxó (RIBEIRO, 1989; ANDRADE LIMA, 1987).

Viveiros de Castro (2005) lançou luz sobre o perspectivismo ameríndio, que salta dos rostos e corpos e se torna evidente nas peças cerâmicas em traços, formas e quimeras. Por sua análise foi possível compreender, mesmo que minimamente, um pouco da “alma selvagem”, o que contribuiu para melhor me aproximar de toda a riqueza do universo cultural Pataxó.

Boaventura de Sousa Santos (2003) ajudou-me, dentre tantas coisas, a reconhecer os caminhos multiculturais do conhecimento, das diferenças às igualdades. Com Walter Benjamin (1987, p. 222-232) entendi que qualquer maneira de imaginar é uma maneira de fazer política e que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi”. A articulação histórica significa, aqui, apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja, o que no caso de Dona Nega foi fundamental para a retomada dos saberes e fazeres da cerâmica.

Vale destacar que, para além de todo o universo de influências até aqui abordado, encontram-se as mulheres que, através de suas práticas e pesquisas no Recôncavo Baiano, permitiram ampliar minha percepção dos significados e potencialidades da produção cerâmica em contextos culturais tão expressivos.

Sobre as ceramistas de Coqueiros, o excelente trabalho realizado em parceria entre Deyse Perelmutter e a equipe do coletivo Arte Sol, associação ligada ao fomento do artesanato e à economia sustentável, foi importante base de consulta. Perelmutter (2009) fundamenta sua pesquisa na valorização de saberes e fazeres, fazendo com que seu livro *Ceramistas de Coqueiros: histórias de vida* seja um rico registro que forneceu parte expressiva dos dados utilizados na análise inicial da interação com a comunidade, ajudando a melhor compreender as mulheres ceramistas de Coqueiros, bem como suas práticas e associações.

O acesso a essas informações e à pesquisa de campo realizada em Coqueiros só foi possível graças à generosidade da professora Francisca Helena Marques, da UFRB. Através do Laboratório

de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual/Recôncavo (LEAA), ao qual pertenço, chegamos até Dona Cadu e as ceramistas de Coqueiros, que aqui cruzam suas vidas com a comunidade Pataxó da Jaqueira, tendo nos fazeres da cerâmica, o elo que as articulam e as apresentam, fazendo com que seus saberes dialoguem no processo de construção do currículo do curso de Artesão em Cerâmica.

A luz e a sabedoria das mulheres do Recôncavo, ceramistas e pesquisadoras, foram determinantes para que eu conseguisse traçar o meu caminho junto aos Pataxó. A vivência de lá não está aqui registrada em palavras, mas sim sua essência. Trata-se de um universo extremamente rico, complexo e de igual encantamento que requer um desafio de registro e análise de igual fôlego e centralidade de foco. Que eu tenha forças para tanta responsabilidade!

As reflexões desenvolvidas através de meus mestres da academia enriqueceram este trabalho e foram fundamentais para pensar os conceitos e realidades relacionadas à cultura e à educação sem purismos, bem como me proporcionaram os instrumentos lógicos para pensar de um modo mais crítico e rigoroso. Fazem parte desse trabalho todos os professores e professoras da UFSB, Campus Sosígenes Costa.

A experiência enriquecedora com o povo Pataxó revelou o afeto como parte importante da pesquisa. A partir da vivência fui-me deixando afetar por teorias que me auxiliaram a dialogar com tantos saberes. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada (1990), iluminou minhas incertezas acadêmicas e fez com que a estrada estranha e por vezes escura ficasse mais reconhecível, ajudando-me a compreender melhor o problema e construir uma proposta de solução.

Em verdade, voltar a estudar aos 52 anos foi o maior ato de coragem e rebeldia que já cometi. Confesso que ainda estou cambaleando nesse mar de informações. Sistematizar tudo isso foi um trabalho árduo, que contou com diversas mãos e que, percebo agora, será contínuo.

3. OBJETIVOS

Objetivo geral

- Contribuir para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social do território Pataxó, a partir da Aldeia Pataxó da Reserva da Jaqueira, por meio do curso de Artesão em Cerâmica, uma tecnologia social em estreita sintonia com os saberes e fazeres tradicionais.

Objetivos específicos

- Contribuir para a solução de demandas sociais concretas identificadas pela comunidade, particularmente relacionadas às questões de sustentabilidade socioeconômica e ambiental.
- Colaborar para a apropriação dos saberes da produção cerâmica por parte da população.
- Contribuir para que integrantes da comunidade indígena possam ser multiplicadores do curso, como mestres.
- Estimular a criação de novos conhecimentos e inovações a partir da prática de produção cerâmica.

Vale frisar que a finalidade desta pesquisa é fornecer um “produto final”, um curso técnico nos moldes do PRONATEC na modalidade Formação Inicial Continuada (FIC) e, portanto, os objetivos se misturam com as diretrizes da dissertação. O projeto nunca foi interferir nas práticas culturais dos povos indígenas, mas colaborar para que eles próprios proponham alternativas que possam promover a geração de renda e a retomada cultural, numa perspectiva educacional que inclua o manejo do barro de forma tradicional e sustentável. Como já abordado, os próprios Pataxó utilizam a retomada cultural como parte de suas estratégias de valorização de aspectos culturais que lhes são caros, a exemplo da língua, cabendo a eles, portanto, a análise da viabilidade e da estratégia de reincorporação da prática ceramista.

4. JUSTIFICATIVA

A relevância deste trabalho reside na peculiaridade de se estabelecer uma conexão direta entre particularidades do povo Pataxó, na sua relação cultura e natureza, e a dinâmica ambiental global, que perpassa aspectos educacionais e de sustentabilidade que dizem respeito a toda a humanidade.

Ao se considerar a ocupação pelos povos originários da região do extremo sul da Bahia, caracterizada por diversos biomas e pela diversidade da Mata Atlântica, um dos aspectos que mais se destaca para análise é o do conjunto de estratégias desenvolvidas pelos indígenas ao longo do tempo que garantiram a manutenção de seu modo de vida e do ambiente de seu território.

Com o passar do tempo, os condicionantes impostos pela sociedade restringiram esse estilo de vida tradicional, particularmente no que se refere à limitação do manejo dos recursos naturais e suas consequências para a manutenção das comunidades. Os desafios decorrentes das questões territoriais e a proximidade e/ou integração com cidades turísticas trouxeram para os Pataxó a oportunidade de subsistência mediante a produção artesanal para fins comerciais. A disponibilidade de madeiras e a habilidade em trabalhá-las para fins diversos conferiram a esse suporte material um dos principais atrativos para essa produção.

Gradativamente, os Pataxó passaram a sentir a necessidade de atuar de forma mais sustentável no que se refere às matas, particularmente na conservação dos remanescentes existentes. Questões ambientais passaram a ser ainda mais enfatizadas nas escolas indígenas das comunidades, partindo-se do princípio de que cultura e natureza são indissociáveis para esse povo. A participação de professores indígenas nesse processo de conscientização ambiental tem se revelado intensa e de grande importância para a comunidade.

Além de promover uma maior consciência sobre sustentabilidade, os professores indígenas se tornaram cada vez mais protagonistas na proteção das florestas em seus territórios. Tudo isso aliado à possibilidade de reduzir e/ou eliminar práticas impactantes ao meio ambiente, substituindo-as por outras, ecologicamente mais equilibradas e que lhes permitam retomar aspectos culturais tradicionais em seu artesanato. Essa premissa se encontra na fala dos Caciques, dos professores e das lideranças que insistem em reunir para resistir.

Há de se registrar que, assim como vários outros povos indígenas, a filosofia de vida dos Pataxó é referenciada pela defesa e manutenção do seu território e da qualidade de vida a ser nele preservada. Isso não quer absolutamente dizer que todo indígena é preservacionista. Não estamos

fazendo uma análise no raso da questão, mas tampouco temos espaço para discutir esse assunto na profundidade que ele exige e merece. O fato é que uma vez que a escola e seus professores se envolvem nas questões ambientais e de preservação, isso faz com que os jovens estejam sempre expostos e, por vezes, receptivos às contribuições para a superação de seus desafios, em particular quanto ao fortalecimento cultural e à proteção da natureza.

Quando esse povo luta pela retomada de seu território, com a perspectiva da recuperação e manutenção de sua cultura, ele está igualmente lutando pela paisagem, pelo espaço tradicional de seus antepassados e de todos os seres que habitam essas matas. Ele está, enfim, lutando pela natureza como parte indissociável do que significa ser humano. Para alguns Pataxó significa viver segundo seu próprio mito fundador. Mas isso também não significa negar que haja uma interferência atual das religiões evangélicas, provocando a constatação de que existem muito mais pastores do que pajés.

Essa estratégia de retomada cultural, que se observa como parte do movimento Pataxó de fortalecimento político e cultural, também se refere a uma preocupação de estabelecimento de uma relação mais harmônica com o ambiente. Neste ponto, a cerâmica apresenta-se como uma alternativa inovadora quanto à sustentabilidade e mitigação dos efeitos da derrubada das matas nativas, mediante a redução dos impactos ambientais e a implantação de sistemas que auxiliem no encaminhamento mais harmonioso da tríade cultura, ambiente e produção artesanal. Mas não podemos negar que essa posição gera embates internos e acirradas disputas com os não índios. Até o momento, a questão econômica se sobrepõe às questões de preservação, mas isso pode mudar rapidamente, principalmente no período de pós-pandemia.

Este trabalho relaciona-se ao esforço dos Pataxó de incentivar e criar condições, a partir da comunidade da Jaqueira, para que se retome a produção cerâmica também como uma expressão artística e cultural e que seus aspectos ritualísticos sejam respeitados e preservados, para que ela possa se tornar uma alternativa não só artesanal sustentável, mas que venha a garantir a figuração de seus mitos e a realização de seus ritos. A produção da cerâmica é uma das variáveis culturais mais características a que temos acesso e que diz sobre distintos povos ao longo da história da humanidade. Nela os grupos expressaram elementos de suas culturas, conferindo-lhe utilidades mágicas e práticas, em função de sua incrível maleabilidade.

Lévi-Strauss (1985, p. 36), ao escrever sobre o povo Yucararé, que vive no sopé dos Andes, reporta a forma como cercavam a prática da cerâmica de precauções rígidas, cabendo às mulheres a exclusividade da produção, até mesmo no que se refere à coleta da argila em períodos não

dedicados às colheitas. Descreve com maestria todo o ritual que envolve essa prática, desde o afastamento de seus maridos para evitar que todos os doentes morressem até a forma como as mulheres se isolavam, “por medo do trovão, e para que ninguém as visse, escondiam-se num lugar afastado, construía um abrigo e celebravam ritos”. Ao darem início à produção, observavam silêncio absoluto e só se comunicavam por sinais, para evitar que seus potes rachassem durante o processo de cozimento. Com os Pataxó e seus antepassados isso não foi diferente, entre mitos e ritos, mesmo expostos a toda uma dinâmica de confrontos e ameaças a que estiveram submetidos ao longo dos anos, mantiveram a memória de saberes ancestrais. Dona Nega (Figura 3) hoje representa a porta de entrada para que este saber e toda a simbologia a ele associada retorne à comunidade.

Figura 3

Aula de cerâmica com a participação da mestra Dona Nega Pataxó na Aldeia da Jaqueira, em junho de 2011. A mestra tradicional completou 100 anos em 2019.



Foto: Fábio Kamayurá, 2011

5. METODOLOGIA

É importante que se inicie esta descrição metodológica a partir da percepção de que a estratégia que instigou a pesquisa foi a do afeto como método. Tudo foi deflagrado por minha visita à Jaqueira, ainda em 2010, que resultou na elaboração de uma proposta de intervenção denominada “Cerâmica, a Arte em Quatro Elementos”, associada ao Ponto de Cultura Pataxó – Reserva Pataxó da Jaqueira, que acabou por ser contemplada no Prêmio Funarte Interações Estéticas 2010. A premiação, embora condicionada aos poucos recursos dessa política pública, permitiu a minha inserção na comunidade por período maior de tempo, fundamental para o estabelecimento de vínculos afetivos e para ampliar o meu encantamento.

A partir de 2016, minha atuação na comunidade retornou devido ao processo de formação acadêmica na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), como integrante de um projeto de extensão financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PROEXT/CNPq). Período em que uma série de ações foi desenvolvida para despertar, estimular e difundir a produção cerâmica, não só na comunidade da Jaqueira, mas para além de seu território, a exemplo da Oficina do Cinema ao Barro, ministrada pelos artistas Pataxó para alunos do Colégio Universitário (CUNI) da UFSB.

Sob orientação acadêmica deu-se início uma nova etapa da minha relação com os Pataxó e o processo de construção da proposta de pesquisa passou a seguir os trâmites éticos exigidos, com obtenção de autorização para o encaminhamento da intervenção, registro e controle criterioso de todas as etapas. Essa experiência extensionista deu origem ao projeto encaminhado para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER/UFSB), permitindo-me ampliar a experiência, bem como refletir sobre ela a partir de um referencial teórico e conceitual mais amplo, sempre em diálogo com o precioso substrato dos saberes ancestrais desse povo.

Como forma de deixar o texto mais fluido, não entrecortado por datas e detalhamentos formais das inúmeras ações desenvolvidas ao longo do projeto e que culminaram na realização deste trabalho, relacionei, no Anexo 1, uma cronologia das ações desenvolvidas ao longo dos últimos dez anos, bem como informações sobre as oficinas, eventos e meios de divulgação.

É pertinente expressar aqui uma peculiaridade quanto à dificuldade de se colocar num formato acadêmico e eticamente referenciado questões mais sutis e que geram estranhamento em pessoas que transitam por outras lógicas e realidades. Um exemplo central pode ser dado ao dialogar com as mestras Dona Nega e Dona Cadu sobre a necessidade de elas autorizarem a

utilização de seus saberes tradicionais para a composição das análises e encaminhamento das atividades do trabalho. Elas, que nem alfabetizadas foram, imprimiram suas digitais no barro como forma de chancela, embora tenham se mostrado reticentes quanto a essa necessidade.

Retomando a referência do afeto como o método, cabe registrar a sua importância em todas as etapas da intervenção, particularmente ao se analisar as respostas, em palavras ou silêncios, para as questões levantadas, que não só variam muito entre os entrevistados e observados, como abrem portas para acessar domínios mais sutis e reveladores. Esse foi um aspecto aprendido durante a convivência nas comunidades, entender o tempo e o afeto só é possível à medida da convivência. Quanto mais íntima, mais espontânea.

Com relação a esse aspecto, vale destacar as ponderações de Jeanne Favret-Saada (1990) ao distinguir quatro traços de uma etnografia que se aceita ser afetada e na qual o projeto de conhecimento não se perde:

1. Reconhecimento de que a comunicação etnográfica ordinária – comunicação verbal, voluntária e intencional, visando à aprendizagem de um sistema de representações nativas – constitui uma das mais pobres variedades da comunicação humana.

[...] quando um etnógrafo lembra-se do que houve de único em sua estada no campo, ele fala sempre de situações em que não estava em condições de praticar essa comunicação pobre, pois estava invadido por uma situação e/ou por seus próprios afetos.

2. Supõe que o pesquisador tolere viver em um tipo de schize (dissociação, ruptura, clivagem), devendo fazer justiça àquilo que nele é afetado, maleável, modificado pela experiência de campo ou àquilo que nele quer registrar, compreender essa experiência e fazer dela um objeto de ciência.

3. No momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la.

4. A análise dos materiais recolhidos (de grande densidade) faz com que certezas científicas sejam quebradas (FAVRET-SAADA, 1990, p. 160).

Assim, a partir da “afecção cultural”, necessária e contraída à luz da compreensão, para depois de um tempo de resguardo decorrido, fica-se mais à vontade para relatar essa ação, que penso, contempla as necessidades da comunidade e produz esse registro como arquivo, em forma de relato, muito mais do que uma dissertação. Devo lembrar que Favret-Saada teve que ficar doente, teve que sentir o feitiço para poder entendê-lo. Assim foi comigo.

Nesses termos, podemos afirmar que este trabalho usa a pesquisa etnográfica participativa como método, na intenção não só de compreender as etapas do processo de produção da cerâmica,

mas de entender como são estabelecidas as relações interpessoais entre as mestras e seus “discípulos” nessas comunidades, e como esses espaços de produção, que são também espaços de educação informal, afetam o produto e o produtor cultural.

Quanto à metodologia etnográfica, ela designa “essencialmente procedimentos de observação participante, entrevistas em profundidade e grupos focais. Tem como elemento fundamental a concentração no detalhe do cotidiano enquadrando-o no todo da vida social. Para isso, procura articular de forma profunda e fundamentada a abordagem empírica e teórica” (BAPTISTA, 2009, p. 457).

O processo foi inicialmente realizado com conversas informais (entrevistas?) e individuais com as principais fontes de saberes das comunidades: Dona Nega Pataxó e Dona Cadu. A sábia ceramista de Coqueiros, Dona Cadu, embora a quilômetros de distância da Jaqueira e desconhecendo o que ali se passava em termos de aprendizado e pesquisa, sempre esteve em minha mente, instruindo-me o olhar, as reflexões e os passos, ajudando-me a dialogar com o universo Pataxó. Quisera eu ter competência, braços e pernas para abordar aqui o complexo mundo por onde ela me guiou. Seria muito para um aprendiz de pesquisador da academia, mas pouco para o grande admirador que sou. Quem sabe não seja este o próximo desafio. Por hora, busquei dar conta da riqueza expressa por esse livro aberto que é Dona Nega, segundo as palavras de Nitxinawã, sua filha, mas reconhecendo que o aprendizado com Dona Cadu subsidiou o trajeto que percorri e para quem devo igual esforço de registrá-lo em escrita, num momento oportuno, como observei anteriormente neste texto.

Dona Nega, desconfiada, demorou um pouco a se render aos encantos da câmera e das perguntas, mas assim que o fez, expôs toda a complexa forma de produção cerâmica do povo Pataxó contemporâneo, desde sua infância, aproximadamente 90 anos antes, perpassando seus mitos, ritos e lendas. Ter acesso a essas histórias de vida só foi possível depois de algum tempo de convivência. Somente depois de muita confiança pudemos chegar aos registros audiovisuais. Esses relatos foram sendo colhidos dia a dia e se revelando à medida do envolvimento. Esse aspecto foi o norteador da vivência: convivência, confiança e afeto.

Não obstante, rodas de conversa (ou entrevistas coletivas) foram realizadas, algumas gravadas em áudio e outras também em vídeo, sempre com o consentimento prévio das participantes e de maneira informal para registro. Algumas vezes direcionadas, outras livres, na maioria das vezes descambava para a prática. Posso afirmar que grande parte dos meus cadernos de campo são eletrônicos, capturados por um microfone, por um celular ou por uma câmera.

Os assuntos giravam quase sempre em torno dos aspectos dos saberes e fazeres da cerâmica, mas extrapolaram algumas vezes e abarcaram outros objetos de interesse das mulheres da comunidade, o que acabou interferindo diretamente na construção do currículo do curso que estava sendo desenvolvido. Essas “entrevistas – rodas de conversa” foram fundamentais para subsidiar a elaboração e execução do curso de Artesão em Cerâmica, produto resultante deste trabalho de mestrado. E essa estratégia metodológica permitiu uma imersão nos universos culturais e educacionais da comunidade, seus arquivos ainda poderão ser analisados sob outras óticas, possibilitando compreendê-los de múltiplas formas.

É importante perceber que a pesquisa se desenvolveu a partir da relação pesquisador e pesquisados no próprio contexto comunitário, o que tornou mais fácil a percepção das lógicas culturais que o permeiam. Igualmente relevante é perceber que a pesquisa afeta a ação e é por ela afetada, o que contribuiu para entender elementos estruturais desse universo e definir o programa de intervenção, sempre mediado pela vontade da comunidade.

Segundo Thiollent (2007, p. 16), o que define esse tipo de pesquisa social com base empírica é o fato de ser “concebida e realizada em estreita associação com a ação ou com resolução de um problema coletivo”, na qual “pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema”, ou seja, da comunidade, envolvem-se de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação, além de proporcionar uma associação entre as teorias e as práticas, possibilita ao pesquisador intervir na situação da organização. Segundo Thiollent (2007), ela deve atender a dois propósitos básicos: o prático e o conhecimento. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido tem o viés prático ao ajudar a solucionar questões específicas dos Pataxó, no que se refere à retomada cultural do saber da cerâmica, ao mesmo tempo em que o curso técnico consiste em uma estratégia de divulgação de conhecimento que subsidia a retomada.

6. KÃDHAWÊ TAWÁ: CELEBRANDO O BARRO COM OS PATAXÓ

Figura 4

Dona Ana da Conceição Alves dos Santos, anciã da aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira, sua janela e seu pote.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2012.

6.1 DONA NEGA E A RETOMADA DA PRODUÇÃO CERÂMICA

A retomada Pataxó dos saberes e fazeres da cerâmica passa pelo reconhecimento da maestria de pessoas como Dona Nega (Figura 4). Graças às suas lembranças e esquecimentos os Pataxó foram capazes de retomar seus fazeres relativos à cerâmica. Em sua sabedoria, ela costuma dizer que “a gente fazia moringa, pratinho de barro... tudo fazia e era bem-feitinho”. E graças a ela, tudo vem sendo retomado e feito, bem-feitinho.

Durante as inúmeras conversas que tivemos, Dona Nega foi repassando pistas de como o processo de distanciamento dessa prática foi se consolidando ao longo do tempo. Sempre se referia às dificuldades de manutenção do povo em seu território ancestral, forçados a abandonar lugares e práticas.

Quanto à produção cerâmica, sempre foi muito assertiva ao dizer “mudados de lugar, aí não tinha mais barro”, o que deixa claro que não se tratou de uma opção cultural, mas de um fator exógeno e cruel, que fez com que as comunidades indígenas fossem gradativamente expulsas de seus territórios originários, com comprometimento de seu modo de vida tradicional.

É ela, com suas lembranças, que se configura como o motor principal para a retomada desse saber. Ao revelar detalhes quase esquecidos das práticas ceramistas dos Pataxó, acaba por trazer à luz novas personagens, sua mãe, tias e sobrinhas, reintroduzindo-as nos cenários reconstruídos pela memória. Ela não apenas joga luz sobre uma prática ancestral, mas nos ilumina com uma infinidade de significados e simbolismos associados a esse saber, que transitam por entre pessoas, a natureza e seus encantados. A cerâmica passa a ser uma porta de entrada para um universo diversificado e espiritualmente referenciado.

Como bem nos alerta Darcy Ribeiro (1995), a necessidade de preservar a diversidade de culturas vai além do afago às tradições locais como a conceder uma moratória aos tempos passados, mas compreende um agir para que a diversidade nos fortaleça para enfrentar a monotonia e a uniformidade dos tempos atuais. Dona Nega nos abre essa oportunidade de forma magistral, fazendo com que os saberes tradicionais nos alimentem com outras lógicas e correlações, outros contextos e encantamentos.

Vou registrar aqui, com destaque no corpo do texto e não em um anexo, o que considero um dos aspectos mais preciosos de todo esse trabalho, a própria fala de Dona Nega, com sua sabedoria e simplicidade, seu jeito específico de dizer e adjetivar a vida. São falas obtidas ao longo das inúmeras conversas e práticas de produção cerâmica, nas quais nos presenteava com suas memórias. Sempre que possível fui registrando, entre parêntesis, alguma tradução ou complemento do que era dito, expressão ou movimento que acompanhava parte do que era narrado, pois a narrativa, além de verbal, é corporal.

Dona Nega faz um retorno aos fragmentos de memórias da infância para descrever o processo de produção de cerâmica no cotidiano da aldeia. Era muito comum as ceramistas terem dado início ao trabalho com o barro ainda crianças, entre 8 e 10 anos, quando iam observando as mais velhas e “brincando” com as aparas do barro, fazendo panelinhas e brinquedos que imitavam os maiores. Assim aconteceu com Dona Nega e, para sorte de todos, suas lembranças ainda fluem, apesar das décadas de abandono da prática. Vamos às suas palavras:

“A gente ia, tirava o barro, trazia pra casa. Enxerbustava ele com um pano né, no outro dia, ia pisar ele. Não cessava ele (não peneirava). Tirava lá o barro, porque era bem maciinho.” (Usa carinhosamente o diminutivo ao se referir ao barro que buscava quando criança, na aldeia Cravero em Porto Seguro.)

“Aí, no outro dia, íamos pisar ele. Batia, batia, batia, quando ele ficasse assim fininho, aí cessava ele. Aí trazia, tapava ele, sacudia um pouco de água por riba e deixava descansar. No outro dia amassava ele até ficar assim (faz o gesto com as mãos) esticando, aí estava bom. Aí sacudia mais um pouquinho de água por cima e deixava. No outro dia sentar pra fazer o pote, a moringa. Tudo fazia.”

“Tirava ele lá no, lá na barreira, como essa aqui (aponta para um local da aldeia da Jaqueira, onde agora vive e de onde se extrai o barro para as cerimônias). Aí na barreira, assim o barro era. Tirava lá e trazia pra aqui, no outro dia a gente ia fazer. Uma tia minha, outros parente, aí tudo fazia.” (Fala com a melancolia de quem olha para um passado distante e saudoso.)

“Era moringa, era panela, era pote, era pratinho de barro, de tudo eles fazia. Aí deixava secar lá (faz um gesto com a mão apontando um canto), não quero mais não. Quando ele ficasse bem sequinho, aí deixava lá, quando ele ficasse bem sequinho mesmo, aí a gente ia pegar os pau que botava no fogo, e aí, eles iam pegar a melura, pra fazer o fogo. (Pergunto o que é a melura e ela responde.) Melura são aqueles paus leves né, que tinha. Aí pegava aquele tanto de melura e botava cá no fogo, dentro os paus mais pesados. Empilhava e botava logo ele por cima.” (Assim ela descreve a queima.)

“Aí colocava o fogo cá e botava aquele tanto de panela, era de tudo né (aponta como se descrevesse uma roda de panelas e utensílios). E colocava né, aí fazia o fogo. Botava aquelas lenhas e fazia o fogo e tocava fogo. Aí deixava lá, queimar. Queimar, queimar, queimar.” (Ressalta o “queimar” por conta da demora dessa etapa, ainda mais no tempo de uma criança.)

“No outro dia, eles iam assuntar (balança a cabeça afirmativamente). Estava tudo queimado. Quebrava muitos, mas tinha um bocado bom. Eram aqueles pratinhos, moringa, pote, tudo fazia e era bem-feitinho mesmo.” (Suspira profundamente, demonstrando saudades da prática, que era também uma reunião alegre de trabalho em família.)

“Dai nunca não fez mais, porque eu era pequena assim né (mostra o tamanho com as mãos) e porque menina assim não presta atenção no que os mais velhos estão fazendo, não é?” (A pergunta é mais uma afirmação.)

“Tem muito que de primeiro nós éramos diferentes do que é hoje, que hoje em dia a gente tá fazendo uma coisa eles estão ali, olhando, e junto aprendendo. E de primeiro não, era mais na base da brincadeira, a gente aprendia na base da brincadeira, e não prestava atenção no que os mais velhos estavam fazendo.” (Esse é um engano, aprender brincando, como ela fazia, foi garantia de que hoje, através desse fragmento de memória, pudéssemos retomar a prática.) “É, hoje em dia eu falo assim: ó meu filho, vamos cuidar, o professor tá lá, então presta atenção no que faz e tudo. Porque de primeiro ninguém fazia isso.”

“Pra gente fazer as peças, pegava umas batuera³ de milho e ia fazendo assim (mostra o movimento de baixo para cima). Aí ia suspendendo, passando e quando acabava, já com outro negocinho (usa “negocinho” para definir uma espécie de espátula feita com casa do cuité⁴) só pra alisar, alisava tudo direitinho, e estava pronto.” (Faz um gesto em volta com as mãos para indicar o movimento circular do alisamento.)

“A gente ia esticando aquele barro assim ia esticando. Aí fazia aquela rodinha (fala da base), e aí a gente ia fazendo assim. (Mostra o redondo do fundo com as mãos.) A gente fazia daquele redondinho assim, ou um prato, ou uma moringa ou um pote.” (Sua fala indica que dali poderia sair qualquer produto, que o início era o mesmo para quase todas as peças.)

“Aí ia fazendo, suspendendo. (Faz o gesto com as mãos como quem trabalha uma cerâmica imaginária.) Ia com a espiga de milho fazendo assim, ia fazendo, tudo o que quisesse e do tamanho que a gente quisesse. Era assim que era, pelo menos é assim que eu lembro, né.”

Nesse ponto da entrevista Nayara Pataxó, uma das filhas de Dona Nega, intervém e enriquece o relato com a associação entre o barro e o mito de origem Pataxó, o Txopai. Nayara nos dá a chave para a porta dos saberes basilares de produção da cerâmica Pataxó. Da argila se faz a cerâmica, peça final, da mesma forma que do barro surgiu o primeiro guerreiro Pataxó, Txopai,

³ Batuera é uma palavra indígena que define: sabugo de milho, batuira, abatinguera ou papuco.

⁴ Cuité, em tupi kuye'te, no sentido de 'planta da fam. das bignoniáceas, de cujo fruto se fazem as cuias'; comp. do tupi 'kuya no sentido de 'cuias' e 'e'te no sentido de 'verdadeiro, legítimo'; f.hist. c1631 cuijite, 1761.

e todos os outros que vieram depois dele. A cerâmica deixa de ser apenas um objeto com múltiplas finalidades materiais e ganha contornos de sagrado, nas palavras de Nayara.

O universo da produção cerâmica é familiar e nesse contexto, em muitos povos, ganha contornos tradicionalmente femininos, principalmente entre os povos indígenas, como já citamos. Nada mais justo quando o associamos ao mito de origem Pataxó, pois a mulher, com sua fecundidade, permite a perpetuação da vida. Na contemporaneidade, entretanto, na aldeia da Jaqueira, o barro não tem gênero, tem cores.

O fazer da cerâmica, começa com a obtenção da matéria-prima, a argila, o que não é um problema para os Pataxó, pois em seu território há argila em profusão. Dona Nega contou que, algumas vezes, o barro que seus antepassados usavam era um tanto salgado, o que fazia com que precisasse de um tratamento especial para ser usado. Normalmente o barro sofre uma preparação simples, mas bruta, que começa com a “pisada” (fragmentação). Em seguida, retiram-se impurezas maiores como raízes, folhas e seixos. Depois disso é necessário passar por uma peneira fina para, em seguida, já livre de detritos, a argila fina ser reidratada e amassada. Testar a consistência ao longo de todo o processo é importante para que se tenha uma pasta firme e homogênea.

O universo dos saberes expressos na oralidade de Dona Nega foi traduzido para a prática na retomada da cerâmica da Aldeia da Jaqueira. E, como abordado anteriormente, a proposta da retomada veio associada à preocupação em tornar a produção artesanal Pataxó mais sustentável e comprometida com a preservação ambiental, substituindo a ênfase da madeira pela cerâmica.

Durante o trabalho, procurei contextualizar esses aspectos com a comunidade, visando definir as diretrizes pedagógicas para a criação do curso de Artesão em Cerâmica no âmbito da Universidade Federal do Sul da Bahia e das comunidades envolvidas. A proposta de desenvolvimento de práticas educativas informais a partir do fazer cerâmica relacionou dois universos de produção relativamente distantes, mas que dialogam e se completam perfeitamente: a comunidade Pataxó da Jaqueira e a comunidade do distrito de Coqueiros (Figura 5). Dona Nega e Dona Cadu, expoentes desse saber, são ceramistas que “educam” em seus “ateliês” e, pela oralidade e prática, garantem a transmissão de uma prática ancestral.

Figura 5

Dona Cadu (100) e Rodrigo (22), ceramistas de Coqueiros – Maragogipe/Bahia, mestre e aprendiz em plena atividade. A imagem mostra a força dos ensinamentos dessa mestra tradicional em seu ateliê. Possivelmente a mais velha e um dos mais jovens ceramistas em atividade no Recôncavo Baiano.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2019.

Na produção cerâmica existem elementos suficientes que a referenciam como um instrumento para acessar outros conhecimentos, comumente associado à atuação das mulheres. Seja no sentido de reconhecer-se territorialmente como socioculturalmente, a prática expressa o caminho para uma pedagogia de muitos saberes. A cerâmica atravessa as relações individuais e ultrapassa o uso mecanicista das técnicas e ferramentas. Na contemporaneidade, ela passará invariavelmente pela desconstrução e inovação.

Identidade e alteridade se criam através do barro na comunidade. Ele, o barro, age de forma definitiva na afirmação da identidade coletiva gerando uma infinita gama de possibilidades. Vale lembrar o mito fundador Pataxó e sua referência aos elementos água e terra. A produção da cerâmica atua como meio, como liga (uma espécie de amálgama) e como ponte cultural de saberes e fazeres entre as gerações atuais e passadas. A arqueologia desse processo coloca as gentes e suas tradições a descoberto e nos instiga a pensar a cultura e os saberes tradicionais como agregadores, difusores e dinamizadores de conhecimentos.

Sinalizada como “muito importante” pelas diversas lideranças das comunidades envolvidas e consultadas na pesquisa, a retomada da cerâmica vai além de criar alternativas para a matriz artesanal local. Não obstante ser claro o interesse das lideranças em criar alternativas viáveis de sobrevivência para as famílias que hoje se sustentam quase exclusivamente do artesanato da madeira, o fato é que o fazer cerâmica é importante, por si só, pelo viés cultural da tradição.

6.2 O CURSO DE ARTESÃO EM CERÂMICA E A RETOMADA CULTURAL

A retomada da produção cerâmica foi organizada a partir da promoção de ações educativas que considerassem os valores éticos, estéticos e, principalmente, os aspectos relativos à responsabilidade sociocultural e ambiental daquilo que é retomado. Tal discussão fomentou as bases epistemológicas do curso de Artesão em Cerâmica desenvolvido em parceria com a comunidade e que focou na formação de multiplicadores culturais, muito mais do que numa produção artesanal inovadora. Por meio de oficinas, o curso pôde sair do espaço da Reserva da Jaqueira e ser replicado em comunidades adjacentes, ampliando seu alcance e resultados.

O curso de modalidade presencial, idealizado como uma tecnologia social, na forma de curso de Formação Inicial e Continuada (FIC), no âmbito da UFSB, desenvolveu-se inicialmente na comunidade da Aldeia da Reserva da Jaqueira tendo como público-alvo alunos e docentes da escola indígena local. Posteriormente, foi replicado em oficinas para qualificação de docentes indígenas, realizadas nas diversas aldeias e territórios recém-retomados no entorno da Jaqueira (Figura 6). Tais experiências, que ocorreram durante o período entre fevereiro de 2011 e outubro de 2018, foram fundamentais para despertar o interesse e capacitar professores indígenas, que atuaram como monitores das oficinas, tornando-se multiplicadores deste saber e prática.

O objetivo geral era propiciar qualificação profissional, atrelada aos eixos das relações étnico-raciais, interculturalidades e processos de ensino-aprendizagem. Em anexo encontra-se o projeto com seu detalhamento, incluindo objetivos específicos que atestam o foco quanto à capacitação técnica e a preocupação com a utilização da cerâmica como linguagem artística e educacional, geração de renda, dentre outros aspectos (Anexo 2).

Figura 6

Alunos multiplicadores da Cerâmica Pataxó em atividade na aldeia Pataxó Mirapé, em Porto Seguro/Bahia – interação estética através da cerâmica.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia Mirapé, 2017/2018.

A estrutura curricular do curso de Artesão em Cerâmica foi pensada para propiciar formação ampla aos estudantes em quatro módulos, com carga horária total de 200 horas/aula, assim organizados: Módulo I – Integração e Conhecimentos Básicos; Módulo II – Identidade, Gênero e Cidadania; Módulo III – Qualificação Profissional; e Módulo IV – Gestão Pessoal e Geração de Renda.

A educação, como base de difusão do conhecimento, requer a formação de professores que possam atuar no campo da convergência entre arte, ciência, tecnologia, educação e, no caso específico, geração de renda, proporcionando uma experiência de educação profissional inclusiva.

Ao lidar com o contexto da prática cerâmica é preciso considerar duas vertentes, a arte para comércio e a prática como ritual cultural, assuntos distintos e que precisam ser conhecidos e discutidos de forma inter-relacionada, inclusive sob a perspectiva da globalização e do

neoliberalismo. É necessário, reverberando Santos (2000), perceber que a relação das pessoas com a natureza é portadora e produtora de técnicas que ganham dinâmicas próprias ao longo do tempo, marcando a evolução e a diversidade das culturas.

O que vivenciamos na Jaqueira foi exatamente a dinâmica entre cultura e técnica, entre passado e presente. Um processo no qual a reintrodução de saberes e fazeres foi pensada para dialogar com elementos tradicionais da cultura (Figura 7), bem como com condicionantes atuais, a exemplo da atividade turística, visando o fortalecimento da identidade cultural.

Figura 7

No CIEPS – interação estética entre alunos e o mestre indígena Oiti Pataxó num projeto de arte-educação que esteve entre os 12 mais importantes do Brasil segundo a Funarte (2018).



Foto: Paulo Roberto de Souza – CIEPS Porto Seguro, 2017.

A principal estratégia utilizada para trazer à luz essa prática milenar foi associar empatia, observação e obtenção de informações suficientes para idealizar a confecção de peças cerâmicas consideradas pelo povo como características de sua cultura.

A intervenção foi bem-sucedida por dialogar com as próprias preocupações da comunidade quanto à necessidade de aperfeiçoar estratégias ambientalmente sustentáveis e em consonância

com o fato de a Jaqueira ser uma referência cultural para os Pataxó, além de um polo turístico importante, de onde provêm sua principal fonte de renda. São 40 famílias, cerca de 320 pessoas em média, que dependem diretamente da atividade turística.

Da interação estética que vivenciamos foi gerado um projeto de arte-educação que, na prática, ensina ao aprender e aprende ao ensinar. O convívio com os saberes e fazeres de Dona Nega trouxe ao aprendizado não só outras formas possíveis de transmissão do conhecimento, mas múltiplas possibilidades de aprendizagem, desde a oralidade. A tradição da cerâmica é um recurso, uma ponte para o acesso a novos conhecimentos e aprendizados.

Uma personagem fundamental que atuou na interlocução e construção de todo o referencial prático e conceitual deste trabalho foi Fernando de Carvalho, meu querido amigo Oiti Pataxó, que hoje também é aluno do PPGER/UFSB com um projeto de museu vivo que inclui a cerâmica e vários outros aspectos da cultura Pataxó. Nele tive o apoio para avançar e a segurança de que o caminho que trilhávamos era o mais adequado para o seu povo. Vários artistas indígenas participaram e participam dessa retomada, mas vale destacar a relevância de Oiti, formado ao longo desse percurso e que mediu os fazeres nas escolas, convertendo-se em um dos principais articuladores do projeto. Um grande parceiro e cúmplice. Compartilhamos nossos saberes e crescemos juntos ao longo do processo.

Mas o que significa também essa retomada para o povo Pataxó? No que pudemos apurar há, sobretudo, o orgulho pela ação e a esperança no futuro. Ao colocar em prática a produção das cerâmicas e debater sobre seus aspectos técnicos, estéticos, funcionais e todo o significado cultural a eles associados, observamos que a ação extrapola o material e visível, transita pelo imaginário e mítico universo ancestral, momento em que a cultura pulsa com mais intensidade.

Pelas observações e diálogos ao longo das oficinas foi ficando perceptível que os Pataxó prezam pela preservação de atributos que consideram mais tradicionais, embora abram espaço para a incorporação de inovações técnicas e estéticas, atestando o reconhecimento do dinamismo cultural. Em síntese, para o povo, a atividade ceramista tem o potencial de favorecer, em primeiro lugar, o resgate e a preservação de saberes importantes para a retomada dos fazeres. Os fazeres, uma vez dominados, podem vir a ser transformados, ressignificados e utilizados para fins comerciais, e até como estratégia política, como alternativa e também ampliação da geração de renda para as comunidades.

Um dos aspectos mais significativos deste trabalho é destacar a perspectiva da cerâmica como mediadora de ações comunitárias, culturais, econômicas e sociais, tendo na comunidade indígena o papel central de protagonismo ao longo de todo o seu processo.

6.2.1 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA SOCIAL

Um dos principais desafios do trabalho foi proporcionar uma formação humana integral, em que o objetivo profissionalizante não tivesse uma finalidade em si, nem fosse orientado apenas pelos interesses do mercado. O curso deveria ser visto como uma possibilidade de construção de projetos de vida para cada um dos envolvidos.

O pensamento comunitário e cooperativo foi o foco do projeto. A inspiração de Paulo Freire foi o estímulo para pensar a proposta educacional com os Pataxó, tendo em vista que “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2000, p. 160).

Transformar a ação numa tecnologia social foi necessário para atender as necessidades de captação de recursos, uma vez que a educação e a cultura, especificamente na atualidade, estão comprometidas por conta de uma política de extremos de ignorância, que passa pelo desmonte do sistema de pesquisa e ensino nas instituições federais de todo o País.

Nesse contexto, o fazer da cerâmica se torna uma alternativa de resistência cultural com uma incrível capacidade para interferir na matriz artesanal local. Ele atende aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade, replicabilidade e impacto social, necessidades básicas para categorizá-lo como uma tecnologia social. Soma-se a isto a preocupação com as questões ambientais, sociais e políticas, incluindo as questões de gênero, uma vez que o curso foi pensado, principalmente, para as mulheres e meninas das aldeias.

Em síntese, a implantação dessa tecnologia pode ser caracterizada por duas óticas:

- Do ponto de vista político e cultural: através da retomada e da formação de professores de educação (infantil e ensino médio) nas escolas indígenas do sul e extremo sul da Bahia.

- Do ponto de vista social e econômico: atuando cooperativamente na produção e comercialização em rede de uma cerâmica Pataxó que pode ser vista como alternativa para a matriz artesanal e para a geração de renda nas comunidades.

A lógica que subsidiou a proposta de execução dessa práxis pedagógica foi a da partilha de todas as instâncias deliberativas. Assim, lideranças, estudantes, professores e comunidade, através de um conselho criado no início do curso, decidiram os princípios, as categorias e os conceitos teóricos que materializaram o processo de ensino e de aprendizagem.

A dinâmica social contemporânea nacional e internacional, marcada especialmente pelas rápidas transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico, impõe desafios ao Ensino Médio. Para atender às necessidades de formação geral, indispensáveis ao exercício da cidadania e à inserção no mundo do trabalho, e responder à diversidade de expectativas dos jovens quanto à sua formação, a escola que acolhe as juventudes tem de estar comprometida com a educação integral dos estudantes e com a construção de seu projeto de vida (BRASIL, 2018, p. 464).

Foi importante extrairmos um conhecimento completo das práticas do trabalho, o que nos permitiu explorar e consolidar as relações, as tarefas e a tecnologia utilizada, principalmente nesse caso, uma vez que a observação envolveu fazeres e saberes tradicionais, adquiridos e transmitidos pela oralidade.

6.3 A MATERIALIDADE DA CERÂMICA: DO OBJETO E SUA EXISTÊNCIA CULTURAL

É importante trazer para a análise a relação entre o objeto e sua existência cultural a partir do caso específico da retomada da cerâmica Pataxó na Aldeia da Jaqueira. A partir das reflexões de Marcus Dohmann (2010) em “O objeto e a experiência material”, vou traçar paralelos para entender o percurso da cerâmica Pataxó na contemporaneidade.

Os objetos nessa pesquisa são como companheiros nas experiências da vida cotidiana na aldeia. Dohmann (2010) afirma que os objetos nos conectam, segundo nossos mundos (emocional e mental), são suas funções e simbolismos que os caracterizam como verdadeiras dádivas da cultura:

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, desde uma fotografia até um simples adereço corporal. Os objetos nos conectam com o mundo. Mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam

memórias, relacionamentos; além de provocar constantemente novas ideias (DOHMANN, 2010, p. 72).

E aqui temos um povo que, através de suas lembranças e esquecimentos, seus relatos e seus objetos, e, principalmente, em conexão com seus antepassados, constrói as bases para uma epistemologia da retomada. O que nos permite refletir sobre a alma e a magia que existem nas coisas, bem como as múltiplas formas como sujeitos e objetos se relacionam nos mais variados grupos sociais (MAUSS; HUBERT, 2003; MALINOWSKI, 2018).

Nas retomadas culturais Pataxó também vemos razões do fortalecimento das raízes e vínculos com o espaço em que se situam. Como esse espaço guarda, em grande parte, suas práticas, que foram usurpadas pelo colonizador invasor, é claro que sua retomada também se faz necessária. Entre as partes da cultura que lhes foram tomadas e/ou negadas, há evidências de que a prática ceramista Pataxó também figura. Ela foi severamente prejudicada pelas constantes mudanças a que foram submetidos. Por razões diversas, o povo Pataxó deixou de praticar sua cerâmica. Agora, com suas memórias avivadas, novas ações conduzem essas memórias através dos objetos que, reinventados, apresentam outras formas de interpretação ou, como prefiro pensar, estabelecem uma coautoria entre as gerações. É quando o objeto ganha status de cultura e de documento.

O objeto é, portanto, prova documental que imprime suas marcas nos indivíduos, criando interna e externamente um processo dinâmico, comunicativo e intercultural. [...] A constituição material, de fato, caracteriza a realidade do objeto *per se*. Se tomado isoladamente, teria um valor apenas como coisa, porém assume um valor como dado social, determinado por sua existência relacional (DOHMANN, 2010, p. 72).

As peças criadas a partir da experiência com a cerâmica são provas disso. A luta pela terra continua sendo a bandeira central dos povos tradicionais, inclusive no extremo sul da Bahia, região ocupada pela invasão colonialista há 519 anos. Somada à retomada dos territórios ancestrais, novos movimentos de retomada se projetam nos campos das artes, da língua, da música, da dança, dos rituais e dos costumes em geral, o que tem constituído um importante instrumento de educação.

Quando pude conhecer a reserva da Jaqueira, durante uma reunião sobre meio ambiente em 2009, já quase 2010, e me apresentei como ceramista, fui recebido pelos irmãos Aderno Pataxó e Oiti Pataxó, duas lideranças ligadas às artes na aldeia. Logo, Nayara Pataxó se aproximou e profetizou que eu era a pessoa que a comunidade esperava para recuperar sua cerâmica. E assim foi desde aquele dia. Levei um tempo para me acostumar a ser a novidade da aldeia, mas não muito, porque outras novidades foram chegando e a vida sempre continua na aldeia.

Naquele momento, Nayara Pataxó me disse que eles estavam esperando por “alguém” que viria para ajudá-los a retomar sua cerâmica, achei profético, mas na verdade não acreditei de pronto. Hoje compreendo muito mais, seguimos adiante e o que era instigante, naquela vaga possibilidade, transformou-se em afeto e numa verdade incontestável. E tem sido justamente na Jaqueira que o processo de retomada cultural, expresso pelo retorno da produção cerâmica, tem tomado impulso, após 90 anos de silêncio. A emoção da retomada é expressa no fazer dos artistas e mestres artesãos da aldeia. Com a retomada dos saberes e dos fazeres da cerâmica, seus atuais produtores e multiplicadores podem formalmente colocá-la à prova como arte, consolidando a posição de guardiões da floresta, na perspectiva de que ela possa se transformar numa alternativa viável à utilização artesanal da madeira.

Este é um exemplo de retomada que envolve a cultura, a terra e o território, os saberes tradicionais ancestrais e, por extensão, traz resultados favoráveis para a comunidade na educação, na cultura e na geração de renda, relativamente num curto espaço de tempo.

Seguindo a afirmação de Dohmann (2010, p. 75) de que “Complexidade estrutural e complexidade funcional são dimensões essenciais da materialidade no mundo”, é possível traçarmos um mapa dos usos e tradições Pataxó a partir das definições dadas para os seus objetos. Poderíamos fazer isso através de suas determinações funcionais, mais ou menos como fez Arissana Braz Bomfim de Souza, pesquisadora Pataxó (SOUZA, 2012).

Essa determinação funcional poderá implicar em diversas outras classificações, dependendo dos aspectos que devam ser realçados. O protagonismo do objeto está ligado à sua função como tal (Figura 8). Para os Pataxó, segundo Arissana (SOUZA, 2012), o conhecimento associado é fundamental para a transmissão. Para eles, os objetos possuem uma aura, uma lógica própria que está ligada à sua utilidade. Timberos (cachimbos) e incensários cerimoniais, por exemplo, têm usos diversos, mas funções parecidas no ritual. Ambos atuam na purificação através da fumaça que produzem. Fumaça e os aromas característicos induzem à “purificação da alma selvagem”.

Figura 8

Timberos (cachimbos) em cerâmica – objetos cerimoniais criados a partir da retomada da cerâmica Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2012.

A aldeia da Jaqueira se destaca no cenário turístico regional em função da proximidade com as cidades de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. O fluxo de turistas nacionais e internacionais que a região recebe faz com que a lógica de produção dos objetos esteja, em grande medida, vinculada às atividades de comercialização.

O processo de retomada de características culturais, por sua vez, ocorre independentemente da dinâmica turística, embora nela atue como mais um elemento de afirmação cultural e alimente o mercado turístico justamente por essa característica.

Dois dimensões se entrecruzam, a cultural e a comercial, conferindo funcionalidade e atratividade ao objeto criado. Dohmann (2010, p. 75), refletindo a partir da lógica própria do objeto, reitera que este pode ter sua eficiência aumentada ou diminuída a partir de alterações de sua estrutura ou funcionalidade, demonstrando que “a separação destrói a unidade de um e de outro” e que os objetos atuais mantêm caráter de interdependência muito forte, não funcionando isoladamente o cultural do comercial.

É nesse sentido que devemos entender a cultura Pataxó local, percebendo-a como um todo cujas partes só são viáveis quando em conjunto. O retorno da produção cerâmica em sua prática

cotidiana ajuda a restabelecer conexões ancestrais que vão muito além da percepção de um pesquisador ou do ímpeto consumidor de um visitante. Ela transcende a materialidade de um objeto, fortalecendo ainda mais a identidade e a essência desse povo.

6.4 O BARRO E O JOÃO DE BARRO

Somos meio “João de Barro”, não o poeta Braguinha, o pássaro. O poeta com certeza habita em nós, mas nem me atrevo a uma comparação. Já o pássaro, temos em comum o barro e uma casa de um só cômodo. O mesmo lugar imaginário que habitamos, desde o momento em que nos atrevemos a botar os pés numa Aldeia Pataxó, e uma vez nela, atrevidos que somos, aceitamos o convite da comunidade pra fazer “coisas com o barro”. E tudo o que fizemos a partir dali foi inspirado na diversidade da floresta, nas palavras e nas lembranças de Dona Cadu e de Dona Nega, e pautado pela vontade insana de retomar um fazer quase perdido e com complexidades de produção gigantescas, o que certamente amplia sua dificuldade.

De acordo com Schaan (2007, p. 100), “As sociedades de tradição oral possuem em geral uma relação muito particular com os outros seres da natureza, fato associado e que observamos na cerâmica, através da representação de animais (os zoomorfos) e humano/animais (os antropomorfos)”. Ainda de acordo com a autora, essas representações possuem um sentido metafórico, “são animais ligados de maneira muito íntima com a história cultural do grupo social que os utiliza. Seria simplificar demais dizer que essas populações possuem uma concepção animista de mundo; de fato, a situação é bastante mais complexa” (SCHAAN, 2007, p. 100). Para nós, é importante destacar a seguinte reflexão, norteadora da compreensão dessas representações: “Segundo Viveiros de Castro (2005), os ameríndios acreditam que cada espécie animal se vê a si mesma como humana” (SCHAAN, 2007, p. 100). O conceito sintetiza uma série de fenômenos e elaborações encontrados sobre os povos ameríndios, portanto, é de uma complexidade absurda. Resumi-la é tarefa impossível, nesse contexto fala-se das concepções indígenas que entendem que os seres providos de alma se reconhecem a si mesmos e àqueles a quem são aparentados como humanos, mas que são “percebidos” por outros seres, na forma de animais, espíritos ou outras modalidades de não humanos. Essa cosmologia passa pela cerâmica, está nela impressa, mas demanda outra tese. Não posso me atrever.

Além disso, é importante destacar que:

[...] enquanto nós, ocidentais, percebemos que temos uma natureza comum com os animais – por sermos também animais – mas que nos diferenciamos deles por possuímos cultura, os ameríndios entendem que compartilham com os outros animais a cultura e que se diferenciam deles pela natureza, por serem apenas de espécies diferentes. Há uma enorme complexidade por trás das relações entre humanos e animais nas sociedades ameríndias e essa complexidade deve estar representada nos mitos, na decoração da cerâmica e nos demais artefatos (SCHAAN, 2007, p. 101).

Tudo o que vem daí representa a pluralidade, desde a coloração com seus tons de amarelo, vermelho e marrom, numa cartela de cores improvável, mas onde tudo é possível. Ela extravasa e gera a incompletude de todos nós e, ao mesmo tempo, completa a tendência a que se apresenta: uma paleta de cores ousadas, de tons autorais, finalizada por sons e formas das mais extravagantes e inesperadas. Muitos chamariam isso de cultura.

A ideia era só o desejo conectado às ausências, às faltas que se sentia. A nossa falta da prática, as ausências de gênero, de cores e de gestos transcenderam as estações em anos de estudo e experimentações. Foram dez, de ausências e de faltas completadas por uma semelhança de desigualdades só possíveis na poesia e no barro.

“A maior riqueza do homem é a sua incompletude”, nos diz Manoel de Barros (1998).

Passávamos muitos dias ali, quietos, absortos, envolvidos com o barro e suas mazelas, com as dúvidas e as certezas de um sonho de retomada, que passou pelas crianças, que também passaram, que viraram jovens, que viraram adultos e que foram, assim, crescendo conosco e nós com elas, simbioticamente na nossa incompletude de não ser e quase não saber.

Tudo numa aldeia é magia e aprendizado, aprendi com os Pataxó.

Agora que passo a falar de técnicas e coisas feitas, não consigo esquecer a magia daqueles dias em que todos nós comungamos o cauim e dançamos até a lua se deitar. Simplesmente não posso falar de coisas e técnicas, pois não são coisas e técnicas, são vidas, vividas em dias, em meses, em anos de um estudo que nos faz mais aprendizes do que mestres.

Passamos os dias ali, às vezes quietos, no meio das coisas miúdas da argila escassa. E assim nos fomos encantando. Encantados que somos, todos pelo mesmo barro, o mesmo barro do qual o pássaro construiu sua casa de um só cômodo. Os Pataxó fazem assim, constroem suas casas, chamadas kijemes, de um só cômodo, de barro, de palha e de paus, tal como o pássaro. Aprendizes ou mestres?

O mestre se notabiliza por suas figuras, inspiradas nas crenças de suas lembranças, em cenas de um universo inventado ou vivido, rural e urbano, de um cotidiano seu: as lembranças dos rituais e do imaginário de uma população indígena/nordestina/brasileira/negra.

Ainda crianças, começavam a modelar pequenos animais de seu repertório tribal imaginário, formando onças, bois, cavalos, pássaros e lendas, muitas lendas. Lembro-me, ainda muito bem, que uma das primeiras peças moldadas pelo Siratã Pataxó foi um papagaio. Levou anos para associar o papagaio ao Pataxó. “Patachup” para os Tikm'n, também chamados de Maxakali, é o povo papagaio numa tradução livre. Povo papagaio é o povo Pataxó.

No início era a cor, obtida por meio de argilas de diferentes tons, avermelhados, amarelos e brancos, era assim que os Pataxó se pintavam, como aos bonecos de barro que derretiam pelo chão, sem queimar. Esse colorido lhes confere um aspecto alegre e lúdico. A partir da argila queimada, novas cores foram se formando e novas formas se transformando.

Tudo nascia da vontade confessa da comunidade em retomar seus saberes e seus fazeres. Fomos, assim, juntando as peças, como num quebra-cabeças gigante, que se fundava na oralidade e na experiência prática, uma transição estética de anos de uma “não prática” que se transformou na nova cerâmica Pataxó.

Mas onde buscar argumentos?

Como considerar a lembrança da oralidade de um ancião?

Seria mesmo uma lembrança física ou apenas uma invenção da memória de alguém que se alimenta de informações daqui e dali?

Um dia, sob a sombra de uma jaqueira, Nayara me contou:

Os mais velhos falam né, que assim, a terra pra nós, ela faz parte da vida, do nosso corpo, porque nós nascemos do barro, da água que caiu na terra e fez o barro. Então o contato da água com a terra foi que surgiu, nós índios Pataxó, o primeiro índio Pataxó. Então tem essa história também, [se referindo a Txopai, mito de origem Pataxó]. Então é por isso, [continua ela] que nós temos um grande respeito pela terra né, a gente tem que tratar a terra como se fosse nossa mãe. Daí a gente também faz nosso ritual de purificação espiritual com o barro, passando ele por todo corpo como um sinal de purificação. O contato da terra com o corpo é também um sinal de purificação. É por isso que tem esse ritual. (Nayara Pataxó, 2012)

Ao referir-se ao ritual, Nayara nos dá a chave para os saberes basilares da cerâmica e da utilização do barro (argila colorida). Nos vários fazeres da aldeia, o barro ganha seu significado.

A partir da celebração do barro, uma reunião de purificação física e espiritual que faz uso de elementos primordiais da natureza, a comunidade se reúne e celebra seus antepassados. A cerimônia tem um amplo sentido, tanto para o conceito de comunhão quanto para o de aprendizado. Ela recria, numa profusão de sons, ritmos, cores e danças, todo um ruído de sabedorias, pautadas pela tradição e firmadas na participação das crianças da comunidade.

O barro, como um dos principais elementos de sua cultura, está presente na dança, nas músicas, nas pinturas corporais, na construção das suas casas e na arte, que se entrecruzam na sagrada celebração de seu mito fundador.

Essa relação dialógica celebra elementos da sua natureza e marca todas as suas retomadas. Assim, transmitem para as gerações futuras seus conhecimentos passados, seus ritos ancestrais e suas esperanças futuras.

Quase todas as atividades na Aldeia foram pautadas pela participação das crianças, não só como aprendizes, mas, principalmente, como “mestres” na imensa liberdade do saber aprender. Desde as mais cotidianas até as altas celebrações, as crianças pontuam as atividades e conferem um ritmo e um som específico no dia a dia da aldeia, o som do sorriso, da alegria.

Em 2010, participaram do projeto de formação de multiplicadores cerca de 40 pessoas (Figura 9), divididas nas seguintes faixas etárias: adultos e jovens, a partir de 12 anos, e crianças, de 05 a 11 anos.

No primeiro grupo, foram 25 pessoas ao todo, entre adultos, jovens e adolescentes, são eles: Anienã Pataxó; Tamywery Pataxó; Eyhnã Pataxó; Unktxawery Pataxó; Zito Pataxó; Weryanã Pataxó; Bokuadxê Pataxó; Aderno Pataxó; Oiti Pataxó; Kurió Pataxó; Arikury Pataxó; Aponén Pataxó; Aripônã Pataxó; Acunã Pataxó; Nido Pataxó; Juacema Pataxó; Tawá Pataxó; Makayaba Pataxó; Syratã Pataxó; Kwatikoko Pataxó; Buryanã Pataxó; Rayô Pataxó; Nayara Pataxó; Jandaya Pataxó e Nitxinawã Pataxó.

No segundo grupo, o das crianças, tivemos ao todo 12 pessoas: Haywã Pataxó; Dhahara Pataxó; Nawy Pataxó; Tanara Pataxó; Mikay Pataxó; Akayeratã Pataxó; Samêhy Pataxó; Hanayara Pataxó; Sonay Pataxó; Yamin Pataxó; Yassewara Pataxó e Werymãhy Pataxó.

Figura 9

Aula de Formação de Multiplicadores da Cerâmica desenvolvida na Aldeia da Jaqueira, em 2011, com a participação de jovens, adultos e crianças.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2011.

Hoje os jovens estão adultos, os adultos estão mais velhos e as crianças se tornaram jovens adolescentes. Acompanhei essas pessoas envelhecendo e na pesquisa, que foi feita em forma de observação participativa, pude registrar as imagens e os sons desse amadurecimento. Observei que para alguns deles o fazer cerâmica passou a ser uma forma de historicizar a vida, de retratar acontecimentos na aldeia, nascimentos, rituais, cotidiano. Cerâmica como biografias, feitas do barro e impressas nas peças criadas a partir de técnicas mistas e de uma intensa vivência.

Fomos do acordelado, que é a sobreposição de rolinhos de barro, às placas, técnica que exige mais preparo na massa e que é, exatamente, a construção improvável de barro em finas, maleáveis e planas placas que se transformam, como as vidas daqueles que passaram por essa experiência. O principal objetivo não era, nem nunca foi, discutir as técnicas possíveis, mas sim experimentar e transformar esses momentos numa experiência única através da entrega, de se deixar levar num trabalho que trouxesse de novo as infinitas possibilidades de um sorriso, um

impacto visual possível (Figura 10), modelado a partir de gamelas de madeira, que foram as formas daquilo que precisava ser trocado pelo barro.

Figura 10

Peças resultantes da ação, expostas no Centro de Cultura de Porto Seguro em 2012.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Centro de Cultura de Porto Seguro, 2012.

Com um entendimento diferenciado, a sustentabilidade se apresentava nas atividades, sempre criando parcerias verdadeiras entre o fazer e o saber, nas grafias que acreditamos, o que fez a diferença marcante para a comunidade e tornou-se inesquecível para todos nós.

As primeiras peças produzidas nessa etapa de interação estética do projeto foram expostas no Centro de Cultura de Porto Seguro, em abril de 2012. Eram diversos tipos de: colares; medalhas; placas; pequenas estátuas representando figuras zoomorfas; estatuetas indígenas femininas; tigelas e tantas outras peças de certa forma inventadas, que representavam a produção de uma cerâmica refeita na reserva da Jaqueira depois de quase 90 anos de absoluto silêncio estético.

Pinturas corporais e grafismos saltavam, reproduzidos nas peças, incluindo na época as mais de 600 medalhas distribuídas aos vencedores das competições dos 11º Jogos Indígenas, realizados em abril de 2011, em Porto Seguro (BA). E aí, outra lição, todos os participantes das competições eram vencedores, independentemente do fato de ganharem as provas ou não, e receberam suas medalhas cerâmicas.

O projeto “KĀDHAWÊ TAWÁ – CELEBRANDO O BARRO” foi concebido assim, em conjunto com o Ponto de Cultura Pataxó e com seu povo, objetivando o estabelecimento de um processo de criação associado à troca de experiências e linguagens estéticas entre o povo Pataxó e o artista pesquisador, que na época, tanto quanto agora, era mais artista que pesquisador.

A origem da modelagem e da queima da Cerâmica Pataxó na região estava quase extinta. Por isso, o trabalho teve como proposta a realização de uma ampla pesquisa para tentar descobrir sobre as origens dos fazeres da Cerâmica Pataxó. Fomos buscando informações junto aos outros anciãos, o que, convenhamos, não acontece de uma hora para a outra. É preciso confiança até que os mais velhos “se abram” e comecem a falar. Confiança se conquista e para conquistá-la, leva tempo.

Conquistar a confiança demanda dedicação, regularidade, constância e parceria na adversidade, esse tempo está associado ao desenvolvimento de um processo que passa pelo envolvimento, pelo afeto e que é sempre criativo. É fundamental que se conquiste os jovens para que os adultos também se encantem, assim como é fundamental que o velho tenha disposição para ensinar e o jovem para aprender. Foi assim que começou a retomada da cerâmica na comunidade da Reserva da Jaqueira, com a conquista da confiança e com muita resiliência.

Ailton Krenac disse numa conferência no SESC Consolação, em 2019:

Você só fica sabendo quando é velho; quem é jovem ainda não sabe de nada, porque não viveu bastante. A partir daí, fica mais fácil supor porque nas aldeias é tão comum assistir a trocas intergeracionais, em que crianças e idosos convivem e compartilham saberes, de forma horizontal, genuína e interessada. É dessa forma que o conhecimento adquirido por cada um ganha permanência e duração ao longo do tempo.

7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste percurso de contato com parte do encantamento e da complexidade sociocultural dos Pataxó, inúmeras perguntas e fragmentos de respostas perpassam minha mente. A perspectiva epistemológica do pluralismo, expressa em todo o referencial teórico aqui exposto, instiga a reflexão sobre como as políticas públicas atendem, em geral, a determinados senhores, reiterando princípios excludentes, racistas, sexistas e capitalistas com forte tendência neoliberal. Tendem a ser geradoras da maioria dos problemas das comunidades tradicionais, provocando asfixia em suas formas de viver. O uso da madeira como matriz artesanal no caso Pataxó é apenas um exemplo dentre outros.

A cerâmica como artefato, como impulso original de criação, permite-nos transitar entre presente e passado, rememorando-nos a possibilidade do sonho/pensamento de que é possível uma floresta em pé. Que a terra queimada seja apenas a da transformação do barro à cerâmica, sem comprometimento de nossas matas. É um ponto a ser considerado para a retomada de um modo de vida mais harmônico e ninguém melhor do que os indígenas para nos mostrarem o caminho. Que os observemos em sua imensa sabedoria!

A retomada efetiva da produção cerâmica como atividade cultural na aldeia Pataxó Reserva da Jaqueira é uma realidade experimentada por duas gerações de Pataxó. Na Aldeia da Jaqueira estão aptos aos fazeres da nova cerâmica Pataxó ao menos 20 (vinte) multiplicadoras e multiplicadores, assistidos pelo mestre Oiti Pataxó. Sua produção em escala comercial é uma questão pertinente ao povo Pataxó e às suas conveniências, tratando-se também de uma perspectiva de desdobramento desta pesquisa.

Tentei registrar em palavras as inúmeras ações desenvolvidas ao longo dos últimos anos que comprovam o despertar para o saber cerâmico, bem como as suas implicações dialéticas tanto na difusão, particularmente estimulada por ações extensionistas, promovidas pela CAPES e pela UFSB, mas que tiveram como principais protagonistas as próprias comunidades indígenas, em especial a da Aldeia da Jaqueira, onde se desenvolveu grande parte deste projeto. O processo de retomada cultural foi deflagrado e é irreversível, jovens, mulheres, crianças e adolescentes tiveram contato com a cerâmica, primeiro pelos ensinamentos fundamentais de Dona Nega Pataxó (101 anos).

A oferta em caráter regular do curso de Artesão em Cerâmica, decorrente deste percurso, é também uma questão que está nas mãos dos Pataxó. Ela implica na implantação de núcleos de produção de cerâmica em caráter cooperativo, o que, por sua vez, requer financiamento que pode vir a ser obtido via políticas públicas mediante editais, financiados por instituições parceiras. Faz-se necessário buscar alternativas viáveis para esse empreendimento.

A implantação da logística para que essa tecnologia flua na comunidade é uma realidade, experimentada e praticada pelos Pataxó da Jaqueira, que já dispõem de uma estrutura física com: forno; matéria-prima; ferramentas e professoras(es) multiplicadoras(es) capacitadas(os). Existem, portanto, condições plenas para viabilizar o curso em outras comunidades. Há uma promessa da Associação Pataxó de Ecoturismo (ASPECTUR) de construir um espaço próprio para a prática da cerâmica, articulando sua produção à educação e à comercialização, o que viria a gerar recursos econômicos importantes para a continuidade do projeto, bem como garantiria a gradativa consolidação de uma atividade produtiva artesanal mais sustentável, que, além de estimular o viés educacional subjacente à valorização deste saber ancestral para a comunidade, também proporcionaria renda numa perspectiva de troca com a madeira.

Na verdade, com a consecução dos objetivos sociais e educativos desse projeto todos ganham: a comunidade; a floresta e até os turistas.

O principal objetivo da comunidade era a retomada e esta é uma possibilidade para uma retomada com inovação, mas partindo da cultura ancestral como influência artística na prática de conhecimentos contemporâneos. Os limites da importância cultural experimentados neste trabalho são tão líquidos quanto possam ser e se misturam, entrecruzam, perpassam suas dimensões físicas e filosóficas desde a epistemologia combinada.

Esta foi uma fase de angústias, que decorrem para a psique ao nos depararmos com as “incertezas e as inseguranças da modernidade líquida, nossas sólidas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e até sexuais, sofrem um processo de transformação, e que é contínuo, que vai do perene ao transitório” (BAUMAN, 2005, p. 17). Tal situação é visivelmente expressa nos contextos de contato colonizador e de agressões que configuram a trajetória Pataxó e de seu território, constantemente invadido, tanto que acaba fazendo parte da forma como as comunidades se reestruturam e se retroalimentam cotidianamente.

Este trabalho, em sua simplicidade, procurou favorecer o fortalecimento das tradições, importantes para a sobrevivência cultural de um povo há muito tempo massacrado pela colonização e pelo “progresso” que lhes é imposto cotidianamente, levando-o a expor seus valores ancestrais muitas vezes com violência. Várias vezes fechamos a rodovia para solicitar atenção às questões urgentes da população indígena do Brasil, que é a luta por sua terra, em nossa análise pelo seu barro, pelo seu mito, por sua raiz.

A transmissão da cultura, das histórias, das memórias e das tradições Pataxó se dá originalmente por via oral, registrá-la em vídeo, em áudio e escrevê-la é um privilégio que não sei se estou à altura. Acontece que há, nos dias atuais, um grande distanciamento desses costumes orais, gerado em parte pelo sistema, na forma de outras necessidades, de outros meios e outras mensagens, também coloniais e colonizadoras, é bom que se diga. Maneiras novas e diversas de dominação, outros meios e modos de comunicação e, muitas vezes, de teatralização provocada pelo turismo, que é apenas um deles. Há uma complexidade de razões que esta pesquisa e uma vida não seriam suficientes.

Isso faz com que voltemos ao nosso foco, que é partir das retomadas de seus saberes e até a transmissão para as gerações atuais. Há uma transformação histórica, uma releitura, um diversificar de meios e modos, inclusive os de registro. Daí a valorização e a importância do documentar a memória e as técnicas de produção da cerâmica Pataxó, não como imposição de modo, mas como instrumento de afirmação, o que levou à proposta de uma Tecnologia Social.

Por se tratar de um trabalho de habilidade manual, a cerâmica ajuda a materializar a cultura e o cotidiano. Barro e mãos interagem a partir de vivências que, para esta intervenção, costuraram-se ao longo dos últimos dez anos, quando a própria comunidade insistiu em reaprender suas técnicas e utilizá-las para a produção da cerâmica. O que fiz foi registrar essa cadeia de produção de conhecimentos, que vai da arte ao artesanal, das gamelas às esculturas, das panelinhas aos timberos (cachimbos) e daí aos instrumentos cerimoniais e de volta ao seu mito.

É importante considerar a cerâmica também como um meio de comunicação e de registro da paisagem cultural do povo Pataxó, um meio de comunicação legitimamente emitido por um remetente descendente a um destinatário qualquer. Assim, o primeiro transmite a sua mensagem codificada, que contém determinado conteúdo, expresso em uma determinada forma, em um determinado traço. Podemos considerar essa linguagem meramente formal, seria o modo pelo qual

o artesão se expressa e como ele constrói uma imagem dele mesmo e do universo que o cerca. Mas não é só isso, o artesão também se reinventa, se atualiza.

A questão fundamental deste projeto não foi analisar as marcas da construção comunicativa do discurso das artes visuais, mas apenas apresentar um relance desse “*momentum*”, em que a memória é o núcleo desencadeador de seu interesse, quando saberes ancestrais, materiais e imateriais, retornam ao fluxo cotidiano de uma comunidade. É poderoso esse momento. As técnicas utilizadas são muito semelhantes às técnicas ancestrais e que são praticadas por algumas comunidades na contemporaneidade. Os povos indígenas são excelentes artesãos na execução de artefatos em argila. Nas comunidades indígenas brasileiras a atividade é essencialmente feminina, com exceção dos grupos Ianomâmi, Waharibo e os Yekuana. Entre alguns outros, a produção é realizada com a participação masculina apenas em algumas etapas. Pode-se dizer então que a cerâmica é feminina (ISA, 1997).

Na Aldeia Pataxó da Jaqueira os conceitos de feminilidade e sustentabilidade estão sempre sendo colocados em prática através das retomadas, como a da própria Aldeia, onde as mulheres foram e continuam sendo as protagonistas. Jandaya, Nayara e Nitxinawã lideraram a ocupação inicial que deu origem à Reserva e permanecem como lideranças fundamentais em todas as questões pertinentes à comunidade.

A iniciativa premiada pela Funarte, em 2010, com o Prêmio Interações Estéticas em Pontos de Cultura, deu início à retomada da prática da cerâmica como alternativa cultural e o aspecto artesanal/educacional ganhou força entre as crianças. Porém os jovens e os adultos da aldeia participaram ativamente, mas foi com as crianças Pataxó que a cerâmica floresceu novamente. Nas mãos dos Pataxó, em especial na sabedoria de Dona Nega e de suas descendentes, particularmente suas três filhas, Jandaya, Nayara e Nitxinawã, repousam a habilidade de construir e estimular alternativas para que se mantenha a harmonia entre cultura e ambiente. Este trabalho é fruto dessa força e iniciativa femininas que tem a capacidade de uma nova geração.

Com a perspectiva de possibilitar harmonia entre a humanidade e o meio, através do desenvolvimento sustentável, o artesanato gerado no processo de interação estética procura seguir os conceitos básicos da sustentabilidade ambiental e de consumo consciente. Elementos naturais existentes na floresta (sementes variadas, piaçava e fibra de tucum, por exemplo) são acrescentados à cerâmica e associados ao grafismo Pataxó criando um produto único, étnico e viável para o desenvolvimento político, econômico e cultural da comunidade. Político porque discute seu

território, seus fazeres e seus saberes, econômico porque pode valorar seu artesanato, e cultural uma vez que retoma seus conhecimentos adormecidos e os transforma, dando mostras da possibilidade da continuidade.

Unindo o design e a conservação da biodiversidade, a cerâmica pode ser vista como uma alternativa viável ao uso da madeira, largamente utilizada no artesanato e proveniente da Mata Atlântica, num embate filosófico e físico com o estado de conservação. Além da substituição de gamelas de madeira por gamelas de cerâmica, o projeto também esteve direcionado à produção de uma arte genuinamente Pataxó, figurativa e utilitária. São potes cerimoniais, esculturas, adornos e colares confeccionados na Jaqueira, sob a orientação de jovens mestras e mestres multiplicadores Pataxó. Com essa produção, artesãos e artistas estão agindo ativamente para a conservação desse importante ecossistema no extremo sul da Bahia, uma das regiões mais lindas e ameaçadas do Brasil.

Assim como do pássaro João de Barro emprestamos a metáfora dos fazeres da sua casa, de outro emprestamos as palavras para sintetizar essa tarefa, que foi desenvolvida com alegria e muito amor ao barro, o poema de Paulo Leminski resume o que nos aconteceu:

O barro
Toma a forma
Que você quiser
Você nem sabe
Estar fazendo
O que o barro quer.
(LEMINSKI, 1983)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABC. Associação Brasileira de Cerâmica. **Informações técnicas, definição e classificação**. Disponível em: <https://abceram.org.br/definicao-e-classificacao>. Acesso em: 2018.
- AZEVEDO, Fernando. O sentido da educação colonial. *In: A cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1943. p. 289-320.
- BALL, Stephen. Cidadania global, consumo e política educacional. *In: SILVA, Luiz Heron. (org.) A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. *In: Cultura: metodologias e investigação*. Aveiro: Ver o Verso, 2009. p. 451-461.
- BARRETO, Cristiana. Modos de figurar o corpo na Amazônia pré-colonial Atas do terceiro Encontro Internacional de arqueologia Amazônica. *In: Antes de Orellana: actas del 3er encuentro internacional de arqueologia Amazónica*. Simpósio “Bajo Amazonas”. Brasil: Instituto Francês de Estudos Andinos, 2014.
- BARROS, M. **O fazedor de amanhecer**. São Paulo: Editora Salamandra, 2001.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BATISTA, V. R.; NASCIMENTO, J. J. S.; LIMA, A. G. B. Secagem e queima de tijolos cerâmicos maciços e vazados incluindo variações dimensionais e danos estruturais. **Revista Eletrônica de Materiais e Processos**, v. 3, n. 1, p. 46-61, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BAUMAN, Zigmunt **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Biblioteca Tempo Universitário, 1975.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da história. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. *In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232. (Obras Escolhidas, v. 1.)
- BONSIEPE, Gui. Tendências no discurso do design. *In: FÓRUM INTERNACIONAL DESIGN E DIVERSIDADE CULTURAL*. FIESC-SENAI. **Anais...** Florianópolis: FIESC, SENAI e Laboratório Brasileiro, 1995.

BOURDIEU, P. Modos de produção e modos de percepção artísticos. *In*: MICELLI, S. (org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 269-294.

BRANDÃO, C. R. **Educação popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**: caderno de práticas – ensino médio. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-medio>. Acesso em: 2019.

BRASIL. **Decreto Federal nº 5.840 de 13 de julho de 2006**. Institui o PROEJA no Território Nacional. Brasília. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao1/decretos1/decretos1/2006>. Acesso em: 2020.

BRASIL. **Guia Pronatec de cursos FIC**. Disponível em: http://pronatec.mec.gov.br/fic/pdf/2013_guia_cursosfic_port_899.pdf. Acesso em: 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Institui as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 2020.

BRASIL. Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília: 2008.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em: 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015**. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113180.htm. Acesso em: 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **PROEJA. Formação inicial e continuada**: ensino fundamental. Documento base. Brasília: SETEC/MEC, 2007.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação brasileira de ocupações**. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>. Acesso em: 2019.

BRASIL. Secretaria Nacional de Articulação Social. **Marco de referência da educação popular para as políticas públicas**. Organização da Publicação: Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã. Brasília: SNAS/SG, 2014.

CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense 1983.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Mapas de la interculturalidad. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

CARVALHO, Maria Rosário; MIRANDA, Sarah. **Pataxó**. Povos Indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental/ISA, 2018. Disponível em:
<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>. Acesso em: 2020.

CASCINO, Fábio, JACOBI, Pedro; OLIVEIRA, José Flávio de (org.). **Educação, meio ambiente e cidadania**: reflexões e experiências. São Paulo, SMA/CEAM, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, II. Pelo direito de produzir e viver em cooperação de maneira sustentável. **Anais** [...] Brasília: CONAES, 2010.

DOHMANN, Marcus. **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DOHMANN, Marcus. O objeto e a experiência material. **Revista Arte & Ensaios**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA – UFRJ, Rio de Janeiro, ano XVII. n. 20, julho de 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo. (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 55-70.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na América Latina**. São Paulo: Edições Loyola UNIMEP, 1977.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

FAVILLA, Clara; BARRETO, Luciana; REZENDE, Renata. **Artesanato Brasil**. Brasília: SEBRAE, 2016.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Être Affecté”. “Ser afetado”, *In*: **Gradhiva**: Revue d’Histoire et d’Archives de Anthropologie, 8. pp. 3-9. Tradução de Paula Siqueira. Revisão: Tânia Stolze Lima. 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Carta sobre o assassinato do índio Galdino Pataxó, 1996.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições.** São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, M. **Educação popular comunitária: notas para um debate.** São Paulo: Vozes, 1991.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOLDMAN, Márcio. Quinhentos anos de contato: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. **Mana**, v. 3, n. 21, p. 641-659, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

IPEA/PNUD. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Desafios do desenvolvimento**, ano 3, número 19, p. 21 a 29, fevereiro de 2006. PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2006.

ISA. Instituto Sócio Ambiental. **Programa povos indígenas no Brasil.** 1997. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 2018.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia.** 5. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KRENAK, Ailton. A potência do sujeito coletivo. **Revista Periferias.** Entrevista por Jailson de Souza e Silva, 2019.

LAGROU Els; SEVERI, Carlo (orgs.). **Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. (Religião e Mitologia.)

LAGROU, Els, **Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação.** Editor: Fernando Pedro da Silva. Orientações Pedagógicas: Lucia Gouvêa Pimentel e William Resende Quintal. Belo Horizonte: C. Arte, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LASSANCE JR., Antonio E. *et al.* **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento.** Fundação Banco do Brasil: Rio de Janeiro, 2004.

LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & relaxos,** São Paulo: Brasiliense, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. Portugal: Edições 70, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena brasileira. *In*: RIBEIRO, Darcy (ed.); RIBEIRO, B. (org.). **Suma etnológica brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Rio de Janeiro: Vozes, 1987. v. 1.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARCONI, Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 47-181.

MEADOWS, Donella H. **Harvesting one hundredfold**. Key concepts and Cases Studies in Environmental Education. United Nations Environment Programme. 2. ed. UNEP/UNESCO, 1997.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**, Buenos Aires, p. 71-103, 2005. Artigo originalmente publicado na Revista Gragoatá, n. 22, pp. 11-41, 1º semestre, traduzido por Ângela Lopes Norte, 2007.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da Modernidade. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, Rio de Janeiro, [on-line], Tradução de Marco Oliveira. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). v. 32, n. 94, 2017.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**: Dossiê Literatura, língua e identidade, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. **Histórias globais projetos locais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Sarah Siqueira de. **A construção da identidade Pataxó**: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha. Salvador: PINEP UFBA, 2006.

MOLES, Abraham. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981. p. 27-28.

MOREIRA, Tereza; FERREIRA, Luiz Fernando. (Orgs.) **Tornar-se visível**: estratégia para promover articulações e captar recursos. Cadernos de Educação Ambiental. Série Educação Ambiental e Comunicação em Unidades de Conservação. 7 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/educacao-ambiental/category/154-serie-ea-uc>. Acesso em: 2020.

NASCIMENTO, A. C. Professores-índios e a escola diferenciada intercultural: a experiência em escolas indígenas Kaiová/Guarani no Mato Grosso do Sul e a prática pedagógica para além da escola, um estudo exploratório. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27, 2004, Caxambu/MG. **Anais[...]**. Caxambu, 2004.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Conheça os novos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU**. ONU Brasil, 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>. Acesso em: 2019.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Transformando nosso mundo**: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. ONU: ONU Brasil, 2015.

PERELMUTTER, Daisy Lima (coord.). **Ceramistas de Coqueiros**: histórias de vida. São Paulo: Artesanato Solidário – Artesol, 2009. Disponível em: <http://artefol.org.br/novo/files/uploads/downloads/Ceramistas-Historias-de-Vida.pdf>. Acesso em: 2019.

PESCUMA, Derna; CASTILHO, Antônio Paulo Ferreira de. **Projeto de pesquisa**. O que é? Como fazer? Um guia para sua elaboração. São Paulo: Olho d'Água, 2013.

PIMENTEL, Spensy. **O índio que mora na nossa cabeça**. São Paulo: Prumo, 2012.

PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Brasília, 2019. Disponível em: <http://pab.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: 2019.

RELATÓRIO de Economia Criativa 2010: economia criativa uma, opção de desenvolvimento. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

REVISTA Arc. Design. **Uma inversão do olhar**. n. 26, p. 16, 2002. Disponível em: <http://www.arcdesign.com.br/>. Acesso em: 2019.

REVISTA de materiais e processos. Disponível em: <http://www2.ufcg.edu.br/revista-remap/index.php/REMAP>. Acesso em: 2018.

REVISTA eletrônica de materiais e processos, [on-line], v. 3, n. 1, pp. 46-61, 2008. Disponível em: <http://www2.ufcg.edu.br/revista-remap/index.php/REMAP>. Acesso em: 2019.

RIBEIRO, B. A linguagem simbólica da cultura material. Introdução. *In*: RIBEIRO, D. (ed.); RIBEIRO, B. (org.). **Suma etnológica brasileira**. Arte Índia. Petrópolis: Vozes; FINEP, 1987. v. 3, p. 15-27.

RIBEIRO, Darcy. Culturas e línguas indígenas do Brasil. **Separata de Educação e Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, ano II, v. 2, n. 6, p. 4-102, 1989.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SACCONI, Luiz Antônio. **Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. *In*: **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Saber tradicional x saber científico. *In*: **Povos indígenas no Brasil 2001 a 2005**: ISA – Instituto Socioambiental, pp. 89-91, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton; MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina S/A, 2009.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009; UNESP: Programa de Pós-Graduação em Geografia, pp. 73- 94, 2008.

SCHAAN, D. P. A arte da cerâmica marajoara: encontros entre o passado e o presente. **Habitus**, Goiânia, v. 5, n.1, pp. 99-117, jan./jun. 2007.

SCHAAN, D. P. A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um cacicado marajoara. **Revista de arqueologia**, v. 16, p. 31-45, 2003.

SCHAAN, D. P. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. **Arqueologia pública**, São Paulo, v. 1, p. 19-30, 2006.

SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA. EPU, 1991.

SEBRAE. **Artesanato**: um negócio genuinamente brasileiro. Brasília: SEBRAE, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOS MATA ATLÂNTICA. Mata Atlântica: a casa da maioria dos brasileiros. **Atlas da Mata Atlântica**. 2008 a 2019. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/>. Acesso em: 2019.

SOUZA, A. B. B. **Patxohã, língua de guerreiro**: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Salvador: UFBA, 2012.

SOUZA, Arissana Braz Bomfim. **Arte e identidade**: adornos corporais Pataxó. 2012. Dissertação (mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TUGNY, Rosângela de. **Programa arte, história e língua maxakali-pataxó**: educação pública intercultural na região sul da Bahia. PROEXT. Atxohã. MEC. Porto Seguro. BA: UFSB, 2016

UNESCO. **Ciência e tecnologia com criatividade**: análises de resultados. Brasília: Edições UNESCO, 2004.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: 2020.

UNICEF IPÊ. Instituto de Pesquisas Ecológicas. **Educação ambiental**. Ecologia humana. UNESCO: IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.

VELTHEM, L. H. Arte indígena: referentes sociais e cosmológicos. *In*: GRUPIONII, L. D. (org.). **Índios no Brasil**. Brasília: Min. da Educação e do Desporto, p. 83-92. 1994.

VIDAL, L. **Grafismo indígena**: estudos de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Edusp, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo, **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, pp. 113-148, abr. 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O perspectivismo ameríndio ou a natureza em pessoa. **Ciência e Ambiente**, v. 31, pp.123-132, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio, **Mana**, Rio de Janeiro: Mana, v. 2, n. 2, pp.115-144, out. 1996.

ANEXO 1 – CRONOLOGIA E REGISTRO DE UMA VIVÊNCIA

“SOMOS A SEMENTE, ATO, MENTE E VOZ.”

Gonzaguinha

CRONOLOGIA

2010

A Fundação Nacional de Artes (Funarte), em parceria com a Secretaria de Cidadania Cultural (SCC) do Ministério da Cultura, lançou a terceira edição do Prêmio Interações Estéticas – Residências Artísticas em Pontos de Cultura. Com investimento total de R\$ 4,45 milhões, o programa ofereceu a artistas de diversos segmentos a chance de desenvolver um trabalho integrado a ações de Pontos de Cultura de todo o país. Recebemos o prêmio Interações Estéticas em Pontos de Cultura na categoria 3 B, um prêmio de R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais), menos 27,5% de impostos retidos na fonte, com o projeto CERÂMICA: A ARTE EM QUATRO ELEMENTOS.

Iniciavam-se os primeiros passos do projeto de ação para a retomada da cerâmica Pataxó, junto com o Ponto de Cultura da Aldeia da Jaqueira.

2011

Recebemos os valores do prêmio e colocamos em prática a proposta do projeto CERÂMICA: A ARTE EM QUATRO ELEMENTOS, de interação estética e com duração prevista para 3 (três) meses, mas que acabou sendo de formação de multiplicadores da cerâmica na Aldeia Pataxó, com mais de 40 (quarenta) pessoas inscritas e frequentando durante quase 1 (um) ano. Foi quando nos deparamos com a narrativa de dona Nega Pataxó e todas as possibilidades epistemológicas que ela nos apresentou. Finalizamos o projeto com uma exposição no Centro de Cultura de Porto Seguro, com as primeiras peças de cerâmica produzidas na Aldeia pelos participantes do projeto.

2012

Finalizada a etapa do trabalho, percebemos a necessidade do registro e recuperação de uma manifestação importante ligada ao barro e aos seus fazeres, mais uma vez de forma oral, pela narrativa da professora Nayara Pataxó. Foi quando intentamos a recuperação da CERIMÔNIA DO BARRO, com apoio do Ministério da Cultura, por meio de aporte financeiro do prêmio Integração Regional 2011 – SNC/MINC, no valor de R\$ 1.500,00 (mil e quinhentos reais), menos 27,5% de impostos retidos na fonte, capital investido na produção e no registro de uma primeira Cerimônia do Barro, na ocasião fechada para a comunidade e alguns poucos convidados, entre eles a professora Me. Carla Camuso, do Instituto Federal da Bahia (IFBA).

2013

Com a formação dos primeiros multiplicadores, o barro se tornou a estrela de um novo documentário pensado para registrar e capacitar a comunidade para o fazer cinema. Propusemos a finalização do registro de 2012 num projeto para o Prêmio Audiovisual FUNCEB/BA 2012. Com o projeto aprovado, recebemos R\$ 90.000,00 (noventa mil reais), menos os 27,5% de impostos, embora com várias dificuldades no recebimento por conta de atrasos da FUNCEB/BA. Com tais recursos realizamos a capacitação, as filmagens e a finalização do filme *Celebrando o Barro, Celebrando a Vida*, que registra os modos Pataxó de lidar com o barro e com as câmeras, além de todo o universo cinematográfico, do planejamento à execução.

Exposição no Museu Brasileiro de Esculturas (MUBE), São Paulo. Realizada durante a Virada Cultural Sustentável de 2012.

2014

Conclusão do filme de curta metragem que depois foi convertido em 2000 (dois mil) DVDs, parte distribuídos pela Secretaria de Educação Indígena para as escolas indígenas Pataxó, parte comercializado na Aldeia, com 100% de retorno para a comunidade. A Secult – FUNCEB ficou com 20% dos DVDs para distribuição na rede de cultura da Bahia.

Nesse ano, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e me mudei para o Recôncavo Baiano, quando ingressei pela primeira vez na Universidade, com 52 anos de idade. A unidade da UFSB ainda não estava em funcionamento, o que me fez optar pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Lá passo a dar atenção ao projeto Pataxó de outra forma, agora com a característica de difusão. Início minhas pesquisas no Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA), grupo ao qual pertença até hoje, e fui pesquisar as manifestações culturais do Recôncavo da Bahia, com ênfase no samba de roda, nas festas locais, incluindo Festa da Boa Morte e ceramistas de Coqueiros, onde encontrei Dona Cadu e todas as ceramistas do Distrito.

2015

Desenvolvemos o Projeto Mestres Griôs, parceria entre o LEAA, a UFRB e as ceramistas de Coqueiros. Também participei do arquivo Afro-Brasileiro com a pesquisa *Ceramistas de Coqueiros: histórias de vida*. Ganhamos o Edital Centro Cultural Correios de Exposições Nacionais para expor a cerâmica Pataxó, mas nunca chegamos a executar ou receber o Prêmio, que foi cancelado nacionalmente pelos Correios em virtude de denúncias de desvios de recursos na instituição. Mesmo assim, a cerâmica Pataxó não saiu de foco e, nesse mesmo ano, resolvi retornar ao trabalho na Aldeia da Jaqueira, mudando-me novamente para Porto Seguro. O enfoque passou a ser o desenvolvimento de uma proposta de cerâmica utilitária e com contornos de alternativa de geração de renda para a própria comunidade.

2016

Ingressei na UFSB, Campos Sosígenes Costa em Porto Seguro, no curso de Bacharelado em Artes e, nos primeiros meses de aula, tive a oportunidade de participar do Programa Arte, História e Língua Maxakali-Pataxó: educação pública intercultural e integral na região Sul da Bahia – PROEXT/MEC/UFSB. Nele passei a desenvolver um projeto de cinema e cerâmica, com registros e oficinas teórico-práticas, tanto dentro da Universidade, através de mecanismos de componentes curriculares, quanto na Aldeia, dessa vez com a retomada cultural como proposta pelos Pataxó.

2017

Durante as atividades do PROEXT, iniciamos as incursões pelas aldeias do território com a realização de várias oficinas práticas de cerâmica, tendo os professores Pataxó como protagonistas e mestres de sua cerâmica. Destaque para Oiti Pataxó, professor de artes da Escola Indígena da Aldeia da Jaqueira e multiplicador de saberes cerâmicos desde 2010.

2018

Ficamos em 12º lugar no Prêmio Nacional de Arte e Educação da Funarte 2018. Nossa proposta DO CINEMA AO BARRO COM OS POVOS INDÍGENAS, que concorria com mais de 600 (seiscentos) projetos inscritos de todo o Brasil, foi classificada, embora não tenhamos recebido recursos uma vez que a premiação em dinheiro era para os 10 (dez) primeiros colocados. De toda maneira, realizamos as oficinas e estas foram muito bem-sucedidas, ministradas a alunos da rede pública de ensino de Porto Seguro numa interação estética e cultural, como a iniciada em 2010. Ainda em 2018, participamos do processo de seleção pública Edital de Seleção Pública nº 2018/009 – Seleção Pública de Projetos para Reaplicação de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil.

Nesse mesmo ano fui aprovado no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER/UFSB) com a proposta de criação do curso técnico em cerâmica, que foi pautada pela própria comunidade da Jaqueira.

2019

A pesquisa se desenvolveu numa perspectiva de produção e de design social, ao mesmo tempo em que desenvolvi a escrita e o registro sistemático do cotidiano da comunidade e da cerâmica retomada. Produzimos novas peças, experimentamos novos materiais e pinturas, fizemos queimas e oficinas práticas, entrevistas, rodas de conversa e muita prática de cerâmica, até chegarmos a um modelo Pataxó de produto, focado em seus rituais e suas necessidades estéticas.

2020

Finaliza-se essa etapa com a criação do curso de acordo com o que a comunidade determinou e nos moldes de uma Tecnologia Social, na esperança de que, em face das atuais políticas públicas do Governo Federal, possamos criar mecanismos de resistência ao claro projeto de extermínio cultural e físico imposto aos povos indígenas. A cerâmica Pataxó é um exemplo da resistência e resiliência a que essas comunidades estão acostumadas. Resistem há mais de 520 anos aos invasores e aos seus vírus e doenças, muitas vezes inoculadas de propósito para o extermínio. Em tempos de pandemia, pouco estamos fazendo em termos de práticas, mas nos resguardamos na trincheira da educação com a certeza de que “vai passar” e, quando passar, teremos alternativas pulsantes entre o uso da madeira e a cerâmica como retomada cultural e alternativa econômica. Mas, principalmente, teremos aprendido que essa deve ser uma atividade coletiva e que é no coletivo que estão as respostas para nossas possibilidades de futuro.

OFICINAS DE FORMAÇÃO E EVENTOS DE DIVULGAÇÃO

Durante todo o período estendido da pesquisa, realizamos atividades na forma de oficinas de formação, de práticas coletivas de cerâmica e exposições que tiveram os seguintes lugares:

- Aldeia Pataxó Pé do Monte – Retomada territorial no entorno da Jaqueira (2017).
- Aldeia Patiburi – Retomada Tupinambá de Belmonte (2018).
- Aldeia Pé do Monte – Microexposição e apresentação para aprovação da comunidade (2018).
- Aldeia Araticum – Acampados na BA01, entre Cabrália e Belmonte, após uma reintegração de posse. A oficina mais emblemática de todas, pois a aldeia havia sido totalmente destruída pelas forças policiais que garantiram a ação (2017).
- Aldeia Águas Belas – Pataxó Hã Hã Hãe em Pau-Brasil – Retomada territorial capitaneada, entre outros, por Dona Maura Titiá e Davi Titiá, com a participação do ceramista Paulo Titiar (2014/2016).

- Aldeia de Coroa Vermelha e Nova Coroa – Exposição e apresentação do projeto (2017).
- Aldeia Novos Guerreiros – Oficina prática de cerâmica (2017).
- Oficinas culturais CUNI Porto Seguro – Oficina do Cinema ao Barro com os povos indígenas (2017/2018) e oficinas para alunos da escola pública Colégio Universitário de Porto Seguro (2017/2018/2019).
- Museu Brasileiro de Escultura (MUBE) – Exposição e mostra durante a virada cultural sustentável (2012).
- Centro de Cultura de Porto Seguro – Porto Seguro/BA (2012).
- Centro de Cultura de Lins – Lins/SP (2013).
- Centro Cultural Correios – Salvador/BA – Projeto e desenvolvimento abortado pelo financiador (2015).
- UNESP Bauru/SP – Congresso Brasileiro de Educação (2019).
- UFSB Campus Porto Seguro/BA – Exposição. Evento Brasil Québec Diálogos Culturais (2019).
- 68º Reunião Anual da SBPC/UFSB Campus Porto Seguro/BA – Atração no pavilhão principal com a exposição *Celebrando o Barro, Celebrando a Vida* (2016).
- UFSB/Campus Porto Seguro/BA – Diversas oficinas práticas com alunos dos vários cursos da universidade (2016/2017/2018).
- SESC Porto Seguro/BA – Exposição *A nova cerâmica Pataxó*, inauguração da unidade do SESC (2018).

LINKS DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO EM DIVERSAS PLATAFORMAS

<http://rakupraluaprojetos.blogspot.com/>

<https://www.facebook.com/Rakupraluaprojetos-621132727951970/>

<https://rciararaquara.com.br/geral/documentario-indigena-apresenta-o-resgate-e-utilizacao-do-barro-na-vida-da-comunidade/>

https://www.ixseminarionacionalcmu.com.br/resources/anais/8/1555510740_ARQUIVO_KadhaweTawa.pdf

<https://www.acidadeon.com/araraquara/lazerecultura/NOT,0,0,940188,O+cineasta+araraquarense+Paulo+Souza+lanca+hoje+no+Mapa+o+documentario+Celebrando+o+Barro.aspx>

<https://pontodevistaurbano.com.br/tag/celebrando-o-barro/>

https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk005cH0egZzyOT4KMHF6iUkEZ_cLnw:1592449251482&source=univ&tbm=isch&q=celebrando+o+barro+celebrando+a+vida&sa=X&ved=2ahUKEwi3idTfr4rqAhV8I7kGHZCRC0EQsAR6BAgJEAE

<https://vimeo.com/220297994>

<https://www.facebook.com/RakuPraLuaProjetos/posts/172778299566654/>

https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk009Izqg31HVGGEi8FsC1A23VGsBk3w:1592448871123&source=univ&tbm=isch&q=rakupralua+e+ceramica+pataxo%C3%B3&sa=X&ved=2ahUKEwiflqSqrqrqAhXyL7kGHe-NB_wQsAR6BAgKEAE

<http://rakupralua.no.comunidades.net/index.php>

https://www.youtube.com/watch?v=Y0Q__3lfkkc

<http://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=1221>

<http://acaogriobahia1.hospedagemdesites.ws/wp-content/uploads/2016/07/Relat%C3%B3rio-01-Ceramista-Tradicionalis-de-Coqueiros-Samba-de-roda-Filhos-de-Dona-Cadu.pdf>

<file:///C:/Users/Paulo/Downloads/87564.pdf>

<https://ccportoseguro.wordpress.com/2011/04/08/exposicao-nova-ceramica-pataxo/>

<https://osollo.com.br/indios-pataxo-de-porto-seguro-vao-expor-ceramicas-em-milao/>

<https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk01Jn9gfKBNwmTOcuurV5UXrnaqjjQ:1592446128457&source=univ&tbm=isch&q=ceramica+pataxo+exposta+no+MUBE&sa=X&ved=2ahUKEwiF3r2OpIrqAhWnILkGHdCsCM4QsAR6BAgKEAE>

ANEXO 2 - CURSO DE ARTESÃO EM CERÂMICA

Figura 11

Oiti Pataxó em aula ministrada para as meninas e meninos da aldeia por ocasião da gravação do filme *Celebrando o Barro, Celebrando a Vida*, uma atividade cultural decorrente do diálogo em torno da cerâmica.



Foto: Paulo Souza, 2012.

KÃDHAWÊ TAWÁ – CELEBRANDO O BARRO

Educação e Qualificação – Artesão em Cerâmica

Curso de Artesão em Cerâmica

PROPONENTES: Paulo Roberto de Souza, Programa de Pós- Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER/UFSB); Associação Pataxó de Etnoturismo (ASPECTUR); Ponto de Cultura Pataxó da Aldeia da Jaqueira.

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

FINANCIAMENTO: Recursos obtidos de editais e recursos próprios.

EQUIPE EXECUTORA: Associação Pataxó de Etnoturismo (ASPECTUR); Comunidade da Aldeia da Jaqueira; Rakupraluaprojetos; Ponto de Cultura Pataxó da Aldeia da Jaqueira.

LOCAL DE EXECUÇÃO: Aldeia Reserva da Jaqueira – Porto Seguro/Bahia.

DURAÇÃO: 04 meses – 200 horas.

"Com as palavras se podem multiplicar os silêncios."

Manoel de Barros, em "O fazedor de amanhecer".

APRESENTAÇÃO DO CURSO

Essa é uma proposta de intervenção, estrategicamente criada como uma Tecnologia Social, na forma de “Curso de Formação Inicial e Continuada” (FIC) de Artesão em Cerâmica, na modalidade presencial, cuja oferta visa atender às necessidades explicitadas pelas comunidades tradicionais Pataxó do território sul e extremo sul da Bahia. Essas comunidades e todos os envolvidos foram os protagonistas durante a pesquisa realizada neste mestrado.

O curso é resultado de um trabalho participativo (Figura 11), que se propôs a contextualizar e definir as diretrizes pedagógicas para essa ação, no âmbito da Universidade Federal do Sul da Bahia e das comunidades Pataxó. Ele foi aplicado na comunidade Pataxó da Aldeia da Jaqueira, diretamente envolvida na ação. A ação cultural vem ocorrendo desde o ano de 2010, quando recebemos o prêmio FUNARTE – INTERAÇÕES ESTÉTICAS EM PONTOS DE CULTURA.

Consubstancia-se em uma proposta cujo currículo é baseado nas práticas educativas informais, observadas em duas comunidades distintas: tanto as ceramistas tradicionais do Distrito de Coqueiros, no Recôncavo Baiano, quanto artistas e anciões na Aldeia Pataxó Reserva da Jaqueira, em Porto Seguro, são protagonistas desta pesquisa.

No universo de pesquisa etnológico há vasto testemunho da criatividade indígena no campo da cerâmica (RIBEIRO, 1949), o que nos estimulou a auxiliar na recuperação do saber Pataxó.

Os fundamentos filosóficos da prática educativa progressista e transformadora da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) foram bases fundamentais para a construção do projeto. A relevante presença da Universidade junto à comunidade é testemunha desse comprometimento.

Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pode ser um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém (FREIRE, 1996, p. 25).

A intervenção esteve de acordo com as bases legais da educação profissional e tecnológica brasileira, explicitadas na LDB nº 9.394/1996 e atualizada pela Lei nº 11.741/2008, bem como nas demais resoluções que normatizam a educação profissional e tecnológica, mais especificamente a que se refere à formação inicial e continuada ou qualificação profissional. Desse modo, o curso de Artesão em Cerâmica, na modalidade presencial propôs, dentre outras coisas:

Uma formação que permita a mudança de perspectiva de vida por parte do estudante; a compreensão das relações que se estabelecem no mundo do qual faz parte; a ampliação de sua leitura de mundo e a participação efetiva nos processos sociais (BRASIL, 2009, p. 5).

O curso teve como princípio básico propiciar uma formação humana integral em que o objetivo profissionalizante não tivesse uma finalidade em si, nem fosse orientado apenas pelos interesses do mercado de trabalho, mas que se constituísse em uma possibilidade para as construções cultural, artística e de educação, de acordo com os projetos de vida de cada um dos envolvidos e sempre respeitando seus saberes.

A observação e a participação com afeto (FAVRET-SAADA, 2005) nos deram condições para entender como se dão as relações sociais e políticas que se estabelecem a partir dos mestres em seus “ateliês”, entendidos os ateliês como locais de educação informal.

“Conhecimento é poder” e os saberes relativos à cerâmica empoderam ainda mais as meninas e mulheres da etnia, uma vez retomados e preservados.

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva, que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; [...] um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; [...] um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; [...] finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (FOUCAULT, 2013, p. 220).

Tentaremos, a partir dessa observação, explicitar os princípios, categorias e conceitos que materializarão o processo de ensino e de aprendizagem destinados aos envolvidos nessa práxis pedagógica.

Acreditamos na educação como uma prática social, uma arquitetura político-pedagógica articuladora da ciência, da cultura, do trabalho e da tecnologia, sempre comprometidos com uma formação humana integral, com o exercício da cidadania e com a produção e a socialização do conhecimento. Esses são os princípios nossos e da UFSB.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p. 25).

O respeito absoluto às tradições culturais e aos saberes e fazeres tradicionais baliza a proposta, que tem potencial para se constituir no marco alternativo para a matriz artesanal regional, sobretudo porque esta, hoje, está baseada na madeira.

INTRODUÇÃO AO CURSO

A produção da cerâmica nas sociedades ameríndias está associada a uma atividade da esfera familiar, assim, ela adquire uma voz feminina também no contexto dos povos indígenas; como esclarece Berta Ribeiro, a arte não existe como tal, o que nos confronta com um paradoxo: trata-se de povos que não partilham nossa noção de arte, não têm palavra ou conceito equivalente aos de arte e estética (ELS LAGROU, 2009). Isso não quer dizer que aquilo que o indígena produza não seja arte. Essa discussão de arte e artefato é pertinente, mas não nos interessa no momento, ela

sem dúvida deve aparecer no futuro dadas as complexidades desse assunto e desse mercado. Quanto ao fator feminino atribuído à cerâmica nesse contexto, ele reflete a pesquisa em Coqueiros (2014) com Dona Cadu, em que descobrimos uma cerâmica matricial, familiar e feminina. Ao associar esse caráter feminino à cerâmica, demonstramos nossa estratégia de difusão desses saberes e fazeres entre as famílias Pataxó.

Os saberes relativos à cerâmica constituem-se num grande patrimônio cultural, não apenas pela quantidade de peças existentes em diversas regiões do planeta, mas por fazer parte de uma história de séculos de trabalho e dedicação não só das populações tradicionais, mas de todas e todos os praticantes desse ofício artesanal. Os povos ancestrais comumente utilizaram a cerâmica como forma de contenção (para água e sementes, por exemplo), além de utilizá-la em cerimônias religiosas e rituais funerários (RIBEIRO, 1987).

Do nascimento à morte, o indivíduo numa aldeia era, e ainda é, marcado pelo barro.

No curso do processo de integração compulsória à sociedade regional e nacional, centenas de povos, com suas línguas e culturas próprias, desapareceram quase sem deixar vestígios. Com eles desapareceram outros tantos estilos de criatividade artística, dando cabo, inapelavelmente, de uma quantidade assombrosa de expressões singulares da busca humana de beleza. O impacto da civilização sobre as sociedades tribais tudo corrói e degrada. Apodrece os corpos com as pestes do homem branco, reduzindo drasticamente a população e convertendo os sobreviventes, por longo tempo, em molambos ambulantes. Desintegra a comunidade solidária para atrelar homens e mulheres à economia de mercado, e com ela à existência famélica dos brasileiros pobres. Desacredita suas crenças e desmoraliza seus valores, ao demonstrar que seus deuses são impotentes; suas verdades, ilusões; suas virtudes, fanfarronadas; porque o único fato incontestável é o poderio, a sabedoria e a perversidade dos homens brancos (RIBEIRO, 1987, p. 63).

Com a proximidade e o passar dos anos, as comunidades indígenas e não indígenas, inclusive nos centros urbanos, “compartilharam” da sabedoria da arte da cerâmica, ligada mais ao artesanato do que a uma prática ancestral. Alguns inclusive, apoiaram-se em tecnologias alternativas de modelagem e de queima, esta última um gargalo para a prática por conta de sua complexidade e importância. Sem a queima, não existe a cerâmica.

A filosofia capitalista que incentiva o consumo de bens industrializados ao invés da construção destes, somada ao advento da “globalização”, contribuiu para o distanciamento das práticas ancestrais, inclusive a ceramista, que era transmitida oralmente através de gerações pelos povos originários. Índícios muito fortes de como se deu esse “esquecimento” foram encontrados na fala de Dona Takwara Pataxó (100 anos). Vó Nega, como é reconhecida por todos, é anciã da

Aldeia Pataxó da Jaqueira, em Porto Seguro, na Bahia. Foi através de seu depoimento inequívoco que pude perceber a importância da prática da cerâmica para os Pataxó no passado e, a partir daí, entender sua relevância e propor esta ação de retomada na contemporaneidade.

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. É próprio do pensar certa disponibilidade ao risco, aceitação do novo que não pode se negado ou acolhido só porque é novo, assim como critério de recusa ao velho não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo (FREIRE, 1996, p. 39).

Dona Takwara Pataxó conta que toda a família, em sua infância, participava da feitura da cerâmica: “Fazia panela, pote, moringa, pratinho de barro (suspira) tudo fazia, e era bem feitinho mesmo”. Ela conta, com detalhes, como eram feitas as peças, desde o barro até a queima e como ela, ainda criança, ajudava ao buscar a lenha para o procedimento: “Um pauzinho muito levinho chamado melura (conta ela), que era colocado ‘por riba’, indicando o modo de fazer da queima tradicional”. Hoje, em uma queima similar, as ceramistas de Coqueiros colocam bambus, talvez por falta da melura, que, pelas palavras de Dona Takwara, imagina-se uma madeira muito leve.

Ressalto como sendo esse depoimento de Dona Nega Pataxó o fato primordial para o surgimento de todo este trabalho. Sua fala foi o combustível para a retomada das práticas ceramistas na Aldeia.

Por estar no final do processo e usar grandes quantidades de madeira, a queima tradicional é um fazer complicado e dispendioso. Essa forma ainda está presente de maneira corriqueira nas práticas da cerâmica no Recôncavo Baiano, sobretudo em Coqueiros, Distrito de Maragogipe/BA, onde também estudei os fazeres matriciais e tradicionais. Esse é o modo de fazer expresso nas práticas de Dona Cadu (100 anos), possivelmente a mais velha ceramista em atividade do país.

Em 2014 mantivemos contato estreito com ela através da pesquisa “Ceramistas de Coqueiros – modos de fazer e histórias de vida”, desenvolvida à época na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), através do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA/Recôncavo), especialmente para o projeto Arquivo Afro-Brasileiro da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

O povo Pataxó do sul e extremo sul da Bahia mantém uma prática artesanal que hoje é baseada em madeira (herança dos anos 1970) e que se tornou, por isso, nada sustentável. Nas palavras de uma de suas lideranças da Jaqueira: “Os Pataxó podem muito bem encontrar na

cerâmica uma possibilidade real de sustento com sustentabilidade, eu acredito que o futuro dos nossos filhos está aí viu, na cerâmica” (Nitxinawã Pataxó, 2012).

Um fato inegável é que a cerâmica como prática e retomada contribui também para a afirmação de identidade cultural dos Pataxó, como fator que pode conferir um atrativo incomum para as peças cerâmicas produzidas.

A seguir apresento, de forma mais estruturada, a caracterização do curso realizado na Reserva da Jaqueira, deixando claro que sua idealização e implementação foram efetuados em conjunto com a comunidade da Aldeia, motivo pelo qual o texto será redigido em primeira pessoa do plural.

IDENTIFICAÇÃO

Curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) de Artesão em Cerâmica, na modalidade presencial, com carga horária total de 200 horas/aula.

JUSTIFICATIVA

Em seu aspecto geral, a formação inicial e continuada é concebida como uma oferta educativa específica da educação profissional e tecnológica que favorece a qualificação, a requalificação e o desenvolvimento profissional de trabalhadores e trabalhadoras nos mais variados níveis de escolaridade e de formação. Dentre os muitos modelos possíveis, esse se enquadra no perfil da comunidade Pataxó.

Pelas dificuldades em encontrar financiamento para o projeto, pensamos ser esta uma boa oportunidade para também caracterizá-lo como uma Tecnologia Social, mais um instrumento das retomadas culturais dos povos tradicionais locais, de forma a tratar esse projeto como piloto para a implantação de “polos de produção de cerâmica” nas aldeias e comunidades do sul e extremo sul da Bahia.

É certo que ações pedagógicas de natureza teórico-prática planejadas para atender às demandas socioeducacionais de formação e de qualificação profissional são também de interesse do PPGER e da UFSB como um todo. É certo que iniciativas que visam formar, qualificar, requalificar e possibilitar tanto atualização quanto aperfeiçoamento profissional a cidadãos e cidadãs em atividade produtiva e que se denomina Formação Continuada são afeitas aos Institutos Federais muito mais do que às Universidades. Quem sabe, através desse projeto, possamos mudar isso?

Como nos fala Freire, “A reflexão crítica sobre a prática, se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p. 24).

Inclui-se no rol das iniciativas desse curso trazer de volta ao ambiente formativo pessoas que foram excluídas dos processos educativos formais e que necessitam desse tipo de ação como incentivo para dar continuidade aos estudos. Aconteceu na prática com esse pesquisador e foi uma experiência transformadora, posso assegurar.

Ancorado no conceito de multidisciplinaridade e numa perspectiva crítico-emancipatória, a formação inicial e continuada, ao se estabelecer no cruzamento dos eixos sociedade, cultura, trabalho, educação e cidadania, acaba por se enquadrar perfeitamente no caso Pataxó. Ela pode promover uma elevação da escolaridade, sobretudo nas aldeias mais remotas, sintonizando formação humana e formação profissional. Estamos trabalhando com a aquisição de conhecimentos científicos, técnicos, tecnológicos, éticos e políticos. Assim, esperamos contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo como sujeito de seu tempo através da criação do curso.

Estruturado em torno dos eixos relações étnico-raciais, interculturalidades e processos de ensino-aprendizagem, no tocante às especificidades do território a que se destina, o curso de Artesão em Cerâmica se justifica pela necessidade apontada pelas próprias comunidades locais, tanto de formação de pessoas como de processos, nesse caso, a retomada.

A cerâmica pode ser vista como alternativa ao uso da madeira na matriz do artesanato local e regional, já que há no nosso território uma forte ligação entre o artesanato e a atividade turística, uma das principais fontes de renda local. A produção do artesanato em madeira mostra uma

carência de técnicas que acelerem o desenvolvimento do setor no nosso território, que tem, no vasto litoral, um grande potencial de escoamento da produção.

O uso de madeira nobre da Mata Atlântica na produção artesanal torna a atividade extremamente perigosa e limitada, em dissonância com os padrões artísticos e de sustentabilidade que a consciência ambiental e o mercado exigem na contemporaneidade. Portanto, qualificar e requalificar cidadãos e cidadãs por meio de um processo amplo que envolva a apropriação, socialização, difusão e produção de conhecimentos científicos e tecnológicos tradicionais da cerâmica nos parece ser uma proposta de projeto pertinente e bastante eficaz para o momento.

Sua proposta pedagógica decolonial, inicialmente fundamentada na concepção de formação humana integral, de respeito aos conhecimentos tradicionais, está baseada na figura das mestras e no comprometimento com o desenvolvimento socioeconômico do território, articulados a um processo de democratização do conhecimento, de comprometimento socioambiental e de justiça social.

OBJETIVOS

O curso Artesão em Cerâmica, na modalidade presencial, tem como objetivo geral propiciar qualificação profissional, atrelada ao eixo relações étnico-raciais, interculturalidades, processos de ensino-aprendizagem. Ele visa:

- Capacitar cidadãos em conhecimentos que os habilitem a atuar com competência técnica e atitudinal na confecção de artesanato em cerâmica, a fim de proporcionar uma alternativa de desenvolvimento sustentável, pessoal e para a região na qual estão inseridos, além da geração de renda no âmbito do artesanato local.
- Utilizar a cerâmica como linguagem artística e retomada cultural, aplicando os fundamentos da comunicação visual, considerando cores, texturas, segurança, durabilidade e replicabilidade na produção de peças artesanais com identidade local.

- Possibilitar oportunidades de relacionar seus conhecimentos prévios (ancestrais, sociais, laborais, culturais e políticos) com os novos conhecimentos, de modo a situá-los em diferentes momentos de suas vidas.
- Promover o processo de ensino e aprendizagem fundamentado na integração curricular de forma interdisciplinar, possibilitando que os egressos atuem como sujeitos no seu próprio processo de aquisição de conhecimento no curso de Artesão de Cerâmica.
- Promover conhecimentos e habilidades necessários à qualificação profissional do artesão em cerâmica, voltados para os saberes em confeccionar cerâmicas artísticas com fundamentos de comunicação visual, por meio de formação de conhecimentos básicos e tecnológicos essenciais, para que os egressos possam participar das oportunidades de trabalho e renda locais.
- Propiciar a atuação dos egressos como artesãos em cerâmicas, desenvolvendo as habilidades e competências necessárias para criação de uma visão mais elaborada do contexto da arte, do empreendedorismo e da cidadania.

REQUISITOS E FORMAS DE ACESSO

O curso Artesão em Cerâmica, na modalidade presencial, é destinado às comunidades, integrantes dos Territórios de Cidadania do sul e extremo sul da Bahia. O acesso ao curso se deu por meio de processo seletivo, tendo como base os critérios do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Portanto, a seleção foi feita por meio de edital, definido em conjunto com as comunidades demandantes e parceiras, publicado para a comunidade, de forma a dar conhecimento e a permitir a participação e a acessibilidade aos que preencheram as condições mínimas estabelecidas.

Para tanto, dentre os critérios abordados no edital, recomendou-se atenção aos seguintes mecanismos de acesso:

- Ser preferencialmente mulher e ter idade mínima de 14 anos*.

- Ter, no mínimo, o Ensino Fundamental II incompleto.
- Ser cadastrado no CAD Único de programas sociais do Governo Federal (opcional e classificatório).

* Esse é um critério não excludente, sendo que não restringimos o acesso apenas ao grupo feminino, mas priorizamos a participação das mulheres e meninas.

PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO DO CURSO

A(O) estudante egressa(o) do curso de Artesão em Cerâmica, na modalidade presencial, deve demonstrar avanços na aquisição de seus conhecimentos básicos, estando preparada(o) para dar continuidade aos seus estudos.

Do ponto de vista da qualificação profissional, deve estar qualificada(o) para atuar nas atividades relativas à área do curso para que possa desempenhar, com autonomia, suas atribuições, com possibilidades de (re)inserção positiva. Dessa forma, ao concluir a sua qualificação profissional, a(o) egressa(o) do curso de Artesão em Cerâmica deve demonstrar um perfil que lhe possibilite:

- Trabalhar com a linguagem artística na confecção de cerâmica.
- Produzir peças artesanais de diversas tipologias.
- Ter uma visão empreendedora e cooperativa para permanecer no mundo dos negócios.

Além das habilidades específicas da qualificação profissional, estas(es) estudantes devem estar aptas(os) a:

- Adotar uma atitude ética no trabalho e no convívio social, compreendendo os processos de socialização humana em âmbito coletivo e percebendo-se como agente social que intervém na realidade.
- Saber trabalhar em equipe.

- Ter iniciativa, criatividade e responsabilidade.

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

A organização curricular desse curso considerou a necessidade de proporcionar qualificação profissional de Artesão em Cerâmica comprometido com uma formação humana integral, uma vez que propicia uma qualificação laboral relacionando currículo, trabalho e sociedade.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 26).

Dessa forma, com base nos referenciais que estabelecem a organização por eixos tecnológicos, o curso foi estruturado em núcleos politécnicos, conforme a seguinte organização:

- Núcleo Fundamental: compreende conhecimentos de base científica do ensino fundamental e do ensino médio, indispensáveis ao bom desempenho acadêmico das ingressantes, em função dos requisitos do curso.
- Núcleo Articulador: compreende conhecimentos do ensino fundamental, médio e da educação profissional, traduzidos em conteúdos de estreita articulação com o curso por eixo tecnológico, representando elementos expressivos para a integração curricular.

Pode contemplar bases científicas que alicerçam suportes de uso geral, tais como: psicologia; tecnologias de informação e comunicação; tecnologias de organização; saúde da mulher e higiene; direito da mulher; noções básicas sobre o sistema de produção social e relações entre tecnologia, natureza, cultura, sociedade e trabalho.

- Núcleo Tecnológico: compreende conhecimentos de formação específica, de acordo com o campo de conhecimentos do eixo tecnológico, com a atuação profissional e as regulamentações do exercício da profissão. Deve contemplar outras disciplinas de qualificação profissional não contempladas no núcleo

articulador, inclusive segurança no trabalho. Respalda-se, nessa compreensão, com base nos referenciais para a organização da educação profissional em eixos tecnológicos. Estrutura-se de forma modular, em que se articulam conhecimentos científicos e tecnológicos, formação e segurança para o trabalho e aspectos sociais e culturais locais. Este núcleo responde pela qualificação técnica dos saberes e fazeres relativos à cerâmica.

ESTRUTURA CURRICULAR

Em suas falas, professores e gestores indígenas mostram que, a partir das necessidades de cada comunidade e da dualidade de saberes advinda da interculturalidade, o ensino e a aprendizagem da Matemática poderão contribuir, tanto para a valorização de sua realidade sociocultural, quanto para a inserção político-acadêmica dos cidadãos indígenas em múltiplas vertentes da sociedade nacional. Seus modos de compreender congraçam com os fundamentos que vêm alicerçando o campo de conhecimento da etnomatemática (FERREIRA, 2014, p. 22).

A matriz curricular do curso de Artesão em Cerâmica, na modalidade presencial, possui carga horária total de 200 (duzentas) horas, distribuídas numa proposta de doze componentes e composta por quatro módulos. As disciplinas terão sua carga horária distribuída conforme a duração de cada módulo, os quais serão desenvolvidos na proporção de quatro meses. Os componentes da matriz curricular estão articulados e fundamentados na integração, numa perspectiva multidisciplinar e orientada pelos perfis profissionais de conclusão, permitindo à estudante a formação de uma base de conhecimentos científicos e tecnológicos, bem como a aplicação de conhecimentos teórico-práticos específicos da área profissional, nesse caso, a prática cerâmica.

Matriz curricular do curso de Artesão em Cerâmica:

Módulos

Módulo I – Integração e Conhecimentos Básicos.

Módulo II – Identidade, Gênero e Cidadania.

Módulo III – Qualificação Profissional.

Módulo IV – Gestão Pessoal e Geração de Renda.

Hora-aula: 45 min. / Hora: 60 min.

NÚCLEOS E COMPONENTES

NÚCLEO FUNDAMENTAL

Línguas: 15 h/a; Etnomatemática/Matemática básica 15 h/a; Noções de pesquisa e comunicação em informática básica: 15 h/a.

Subtotal de carga horária do núcleo fundamental: 45 horas-aula.

NÚCLEO ARTICULADOR

Empreendedorismo, associativismo e geração de renda: 12 h/a; Autoestima e relacionamento interpessoal: 6 h/a; Atividade de integração gestores/formadores/alunos: 6 h/a; Gênero feminino: a mulher na história, cidadania e direitos da mulher: 9 h/a; Saúde da mulher: 6 h/a; Qualidade de vida e trabalho: 9 h/a;

Subtotal de carga horária do núcleo articulador: 48 horas-aula.

NÚCLEO TECNOLÓGICO

Segurança no trabalho: 6 h/a; Técnicas de execução de artesanato em cerâmica: 101 h/a.

Subtotal de carga horária do núcleo tecnológico: 107 horas aula.

TOTAL DE CARGA HORÁRIA DO CURSO – 200 horas-aula.

Observação: de acordo com a Resolução nº 023/2012-FNDE, no cômputo da carga horária total do curso FIC deve-se considerar que a aula terá 60 min. Entretanto, na organização do horário das aulas, quando for necessário, deve-se realizar a conversão proporcional a 75% de 60 minutos, o que equivale a hora-aula de 45 min.

DIRETRIZES PEDAGÓGICAS

Devem ser norteadores do currículo no curso de Artesão em Cerâmica a expressão coletiva e os saberes e fazeres expressos pelas mestras e mestres tradicionais.

Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “didiscência” – docência – discência e a pesquisa, indistotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico (FREIRE, 1996, p. 31).

O conselho da comunidade terá autonomia para proceder as alterações propostas e aprovadas em reunião e:

- a. Implementar mudanças imediatamente, sempre que se verificar necessário e mediante avaliações sistemáticas, averiguada a defasagem entre o perfil de conclusão do curso, seus objetivos e sua organização curricular.
- b. Diante das exigências decorrentes das transformações científicas, tecnológicas, sociais e culturais, que demonstrem a impossibilidade de o curso atender aos interesses da sociedade, assim, interrompê-lo imediatamente.

Portanto, esses aspectos devem ser avaliados periódica e sistematicamente pela comunidade, apoiada pelo conselho do curso e por uma equipe/comissão avaliadora, com competência para a referida prática pedagógica – equipe/comissão a ser instituída no início do curso.

Outra diretriz importante diz respeito à aprendizagem. Aprendizagem, no nosso caso, é um processo de construção de conhecimento coletivo que deve partir também dos conhecimentos prévios dos estudantes. Essa diretriz tem como objetivo formatar uma estratégia de ensino de

maneira a articular o conhecimento do senso comum e o conhecimento acadêmico, permitindo o desenvolvimento de outras percepções acerca dos processos políticos, sociais e do trabalho, reconhecendo as pessoas como cidadãs e profissionais éticas.

A avaliação da aprendizagem, nesse contexto, assume dimensões mais amplas, ultrapassando a perspectiva da simples aplicação de testes para assumir um caráter prático, diagnóstico e processual, com ênfase nos aspectos qualitativos. Nesse sentido, a gestão pedagógica do curso orienta-se pelos seguintes princípios:

- Da aprendizagem e dos conhecimentos prévios e significativos.
- Do respeito absoluto à vida, ao ser e aos saberes dos estudantes.
- Da perspectiva de uma construção coletiva de ação e de conhecimentos.
- Da vinculação entre educação, arte, maestria e trabalho.
- Da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade da cultura.
- Da avaliação como processo.

INDICADORES METODOLÓGICOS

A metodologia, conjunto de procedimentos empregados para atingir os objetivos, respeitará a autonomia dos docentes na transposição didática dos conhecimentos selecionados nos componentes curriculares, mas levará também em conta a vontade das discentes, numa perspectiva de compromisso entre as partes. As metodologias de ensino pressupõem procedimentos didático-pedagógicos que auxiliem as estudantes nas suas construções intelectuais, procedimentais e atitudinais, e não será diferente, apenas teremos mais liberdade para encantar as estudantes e sermos encantados por elas.

Os profissionais envolvidos que ministrarão o curso deverão estar aptos a:

- Elaborar e implementar o planejamento, o registro e a análise das aulas e das atividades realizadas.

- Problematizar o conhecimento, considerando os diferentes ritmos de aprendizagens e a subjetividade das estudantes, incentivando-as a pesquisar em diferentes fontes.
- Contextualizar os conhecimentos valorizando as experiências das estudantes, sem perder de vista a (re)construção dos saberes e dos fazeres.
- Elaborar materiais didáticos adequados a serem trabalhados em aulas expositivas dialogadas e em atividades em grupo.
- Utilizar recursos tecnológicos adequados para subsidiar as atividades pedagógicas.
- Disponibilizar apoio pedagógico às estudantes que apresentarem dificuldades, visando à melhoria contínua da aprendizagem.
- Diversificar as atividades acadêmicas utilizando: rodas de conversa; aulas expositivas dialogadas e interativas; desenvolvimento de projetos; aulas experimentais; visitas técnicas; seminários; debates; atividades individuais e em grupo; exposição de filmes; grupos de estudos, entre outros.
- Organizar o ambiente educativo de modo a articular as atividades de formação das jovens e adultas, favorecendo a transformação das informações em conhecimento diante de situações reais de vida e da diversidade de possibilidades.

Esta proposta observa três perspectivas importantes que norteiam todas as ações: a individual, a do trabalho e a educacional.

A individual, por valorizar os saberes e as trajetórias de vida de cada indivíduo, colocando-nos todos como aprendizes uns dos outros; a do trabalho, por ser instrumento de certificação de experiências e por ter caráter formativo e humanizador, porém, sempre pensando no coletivo e tendo o trabalho como meio do “bem viver”; e a educacional agregando valores ao processo de aprendizagem, com um itinerário formativo planejado, que contemple mudanças e correções a qualquer momento, feitas pela comunidade através do conselho do curso.

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens perceberam que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos, mulheres e homens perceberam que era possível – depois preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar (FREIRE, 1996, p. 26).

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Na avaliação da aprendizagem, como um processo contínuo e cumulativo, são assumidas as funções diagnóstica e formativa, integradas ao processo de ensino. Essas funções devem ser observadas como princípios orientadores para a tomada de consciência das dificuldades, conquistas e possibilidades individuais das estudantes, o que requer uma atenção especial a cada uma.

Nessa perspectiva, pensamos que a avaliação deva funcionar como instrumento de colaboração, no sentido de verificar o nível da aprendizagem, levando em consideração o predomínio dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A apreciação coletiva sobre o desempenho terá significativo peso na avaliação final e os pares poderão avaliar-se uns aos outros.

A avaliação, dessa forma, é concebida como diagnóstica, muito mais focada na função de orientar o planejamento das atividades e indicar os caminhos possíveis para os avanços do que para simplesmente aprovar ou não. Ela funciona como um fator para também promover a interação social e ajudar no desenvolvimento cognitivo, cultural e socioafetivo dos estudantes.

No decorrer do curso, a avaliação do desempenho será feita componente a componente, podendo integrar mais de um componente, tendo em vista também aspectos de assiduidade e aproveitamento.

A assiduidade diz respeito à frequência obrigatória, que será de 75% (setenta e cinco por cento) para o conjunto de todas as disciplinas que compõem a matriz curricular do curso, em consonância com as normas legais vigentes, e que se refere ao percentual mínimo exigido de presença diária da estudante às aulas teóricas e práticas. Lembramos que as aulas são destinadas ao desenvolvimento de trabalhos, exercícios de aplicação e à realização da qualificação profissional, além das demais metodologias inerentes ao curso.

O aproveitamento é avaliado contínua e processualmente, com vista aos resultados alcançados pela estudante nas atividades desenvolvidas. Para efeito de aprovação, a média mínima exigida para conclusão do curso corresponde à média seis (6,0) no aproveitamento do desempenho acadêmico das estudantes em cada componente curricular.

No tocante à qualificação profissional, a aluna será aprovada segundo as normas vigentes, o que também implica, como já citamos, em 60% de aproveitamento em cada componente curricular e na frequência de 75% de presença no total geral das disciplinas do curso.

Como sugestão, podemos usar os seguintes instrumentos de acompanhamento e avaliação da aprendizagem:

- Observação processual e registro das atividades.
- Avaliações escritas ou orais, em grupo e individual.
- Produção de portfólios, em grupo e individual.
- Relatos escritos e/ou orais.
- Relatórios de trabalhos e projetos desenvolvidos, orais ou escritos.
- Instrumentos específicos para autoavaliação (de docentes e estudantes).

Convém salientar que os critérios de verificação do desempenho acadêmico, inclusive para efeitos de recuperação das estudantes nos componentes curriculares, são tratados pela Organização Didática do curso, que se submete ao conselho da comunidade.

CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

No âmbito deste projeto, compreende-se o aproveitamento de estudos como a possibilidade de aproveitamento de disciplinas estudadas em outro curso de educação profissional e a certificação de conhecimentos como a possibilidade de certificação de saberes adquiridos, através de experiências previamente vivenciadas, inclusive fora do ambiente escolar, porém, é importante salientar que se trata de um curso com características específicas e suas especificidades merecem atenção e ponderação nesse caso.

Tal encaminhamento não tem a finalidade de alcançar a dispensa de componentes integrantes da matriz curricular do curso, mas de colocar a estudante, portadora do conhecimento,

na posição de trocar com seus pares, por meio de uma avaliação teórica ou teórico-prática, conforme as características do componente e a critério do titular ministrante.

Os aspectos operacionais do aproveitamento de estudos e da certificação de conhecimentos, adquiridos através de experiências vivenciadas previamente ao início do curso, respaldam-se nas normas aferidas na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

Este item especifica a infraestrutura necessária ao curso, como salas de aula, biblioteca, laboratório, sala dos professores e banheiros. Os tópicos a seguir apresentam detalhamentos referentes a instalações e equipamentos necessários ao funcionamento do curso de Artesão em Cerâmica de uma maneira genérica, mas adaptações serão consideradas tendo em vista a diversidade de situações e infraestrutura de cada comunidade ou aldeia participante.

Quantificação e descrição das instalações básicas necessárias ao funcionamento do curso:

ESPAÇOS FÍSICOS

- 01 sala de aula com “carteiras” ou cadeiras; disponibilidade para utilização de computador e projetor multimídia; televisor e DVD player. Nas comunidades e aldeias geralmente há espaços comunitários que são adaptados e reaproveitados.

Passamos agora ao ideal que haja em cada comunidade, mas que nem sempre se encontra disponível:

- 01 biblioteca com espaço para estudos individual e em grupo, equipamentos específicos e acervo bibliográfico e de multimídia.
- 01 espaço de lazer com materiais para práticas corporais.

Descrição do laboratório específico necessário ao funcionamento do curso:

- Laboratório Ateliê 01: local coberto e abrigado, com bancadas de trabalho (ideal 10) do tipo mesas desmontáveis e lisas, cobertas com plástico resistente.

EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

- 01 forno a gás (locação ou compra), estantes e prateleiras (02); ferramentas específicas adequadas à prática de execução de arte e artesanato em cerâmica (estecas de vários tamanhos, pincéis e demais ferramentas); torno de pintura (10).
- 01 laboratório de informática com computadores disponíveis (ideal 10), softwares operacionais e projetor multimídia*.

* Na falta dos equipamentos de informática, os celulares poderão servir de base para esse trabalho caso a comunidade ou aldeia disponha desse tipo de recurso.

PERFIL DO PESSOAL DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

- Docente com licenciatura em Letras ou estudante LI UFSB a partir do 6º quadrimestre Língua Portuguesa – 01.
- Docente com licenciatura ou estudante LI UFSB a partir do 6º quadrimestre Matemática – 01.
- Docente com licenciatura em Educação Física; ou Tecnólogo em Gestão Desportiva e de Lazer; ou estudante LI UFSB a partir do 6º quadrimestre – 01.
- Docente com graduação em Filosofia ou Sociologia; ou estudante LI/BI UFSB a partir do 6º quadrimestre – 01.
- Profissional com graduação em Serviço Social, Psicologia, Pedagogia, Direito ou áreas afins; ou estudante LI/BI UFSB a partir do 6º quadrimestre – 01.

- Profissional com graduação em Administração; ou Engenharia de Produção; ou Técnico em Logística; ou estudante LI/BI UFSB a partir do 6º quadrimestre – 01.
- Profissional com graduação na área da saúde ou áreas afins; ou estudante LI/BI UFSB a partir do 6º quadrimestre – 01.
- Docente com graduação e especialista em Segurança do Trabalho; ou com experiência nas disciplinas de Segurança do Trabalho; ou Técnico em Segurança do Trabalho; ou estudante LI/BI UFSB a partir do 6º quadrimestre – 01.
- Docente com graduação na área de Informática; ou Técnico na Área de TI; ou estudante LI/BI UFSB a partir do 6º quadrimestre – 01.
- Docente com graduação em Artes Visuais ou Mestre (profissional) com experiência comprovada em Artesanato em Cerâmica – 01.

APOIO TÉCNICO

- Profissional de nível superior na área de Pedagogia ou estudante LI UFSB a partir do 6º quadrimestre, para assessoria técnico-pedagógica ao coordenador de curso e aos professores, no que diz respeito à implementação das políticas educacionais da Instituição e ao acompanhamento pedagógico do processo de ensino e aprendizagem – 01.
- Profissional técnico de nível médio/intermediário na área de informática ou estudante LI/BI UFSB a partir do 4º quadrimestre para manter, organizar e definir demandas dos laboratórios de apoio ao curso – 01.
- Profissional de nível médio ou estudante LI/BI UFSB a partir do 4º quadrimestre para prover a organização e o apoio administrativo da secretaria do curso – 01.

Total de pessoal técnico-administrativo necessário: 03.

CERTIFICADOS

Após a integralização dos componentes curriculares do curso de formação inicial e continuada, e observada à obtenção da escolaridade requerida nas diretrizes curriculares para cursos FIC, será conferido à(ao) egressa(o) o Certificado de Artesão em Cerâmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRACER. Associação Brasileira de Cerâmica. **Informações técnicas**. Processo de fabricação. Disponível em: <https://abceram.org.br>. Acesso em: 2019.

BATISTA, V. R.; NASCIMENTO, J. J. S.; LIMA, A. G. B. Secagem e queima de tijolos cerâmicos maciços e vazados incluindo variações dimensionais e danos estruturais. **Revista Eletrônica de Materiais e Processos**, v. 3 n .1, p. 46-61, 2008.

BRASIL. **Decreto Federal nº 5.840 de 13 de julho de 2006**. Institui o PROEJA no Território Nacional. Brasília. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao1/decretos1/decretos1/2006>. Acesso em: 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005**. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao1/decretos1/decretos1/2005>. Acesso em: 2020.

BRASIL. **Guia Pronatec de cursos FIC**. Disponível em: http://pronatec.mec.gov.br/fic/pdf/2013_guia_cursosfic_port_899.pdf. Acesso em: 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Institui as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 2020.

BRASIL. Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **PROEJA. Formação inicial e continuada**: ensino fundamental. Documento base. Brasília: SETEC/MEC, 2007.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação brasileira de ocupações**. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>. Acesso em: 2019.

CANCELA Francisco. O trabalho dos índios numa "terra muito destituída de escravos": políticas indigenistas e políticas indígenas na antiga Capitania de Porto Seguro (1763-1808). **História**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 514-539, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742014000200514&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 2020.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. UNESCO, 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguada.pdf>. Acesso em: 2020.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetada. Tradução Paula Siqueira. Revisão Tânia Souza Lima. **Caderno de campo**, São Paulo, v. 13, p. 155-161, 2005.

FOUCAULT, M. A **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino médio integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

GELEDÉS – Instituto da mulher negra. **A escravidão indígena**. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/escravidao-indigena>. Acesso em: 2020.

LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & relaxos**, São Paulo: Brasiliense, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. Portugal: Edições 70, 1985.

LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena brasileira. In: RIBEIRO, Darcy (ed.); RIBEIRO, B. (org.). **Suma etnológica brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Rio de Janeiro: Vozes, 1987. v. 1.

MOURA, Dante Henrique; GARCIA, Sandra Regina de Oliveira; RAMOS, Marise Nogueira. **Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio**. Documento base. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica: Brasília, 2007.

MULTIRIO. Empresa Municipal de Múltiplos Ltda. **A escravidão indígena**. Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/esc_indigena.html. Acesso em: 2020.

NUPAC. Núcleo de Pesquisa Arqueológica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nuparq/nuparq-1>. Acesso em: 2019.

RIBEIRO, D. (ed.); RIBEIRO, B. (org.). **Suma etnológica brasileira**. Arte Índia. Petrópolis: Vozes; FINEP, 1987. v. 3.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Escravidão indígena**. Brasil escola: [201-]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-indigena.htm>. Acesso em: 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SUGERIDAS PARA O CURSO

BÁSICA

BATISTA, Ana Carolina Oliveira *et al.* **Guia metodológico do sistema de acesso, permanência e êxito**. Brasília: Ministério da Educação, 2011.

BRASIL. Lei nº 5.764 de 16 de dezembro de 1971. Define a política nacional de cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, 1971.

LIANZA, Sideney; ADDOR, Felipe (orgs.). **Tecnologia e desenvolvimento social e solidário**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

OCB. **Manual de orientação para a constituição e registro de cooperativas**. Brasília: OCB/SESCOOP, 2003.

PINHO, Diva Benevides. **Economia e cooperativismo**. São Paulo: Saraiva, 1977.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

VARANDA, Ana Paula de Moura; BOCAJUVA, Pedro Claudio Cunha (orgs.). **Tecnologia social, autogestão e economia solidária**. Rio de Janeiro: FASE/IPPUR/LASTRO/UFRJ, 2009.

COMPLEMENTAR

ABC. Associação Brasileira de Cerâmica. **Informações técnicas**: processos de fabricação. Disponível em: <https://abceram.org.br>. Acesso em: 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolos de atenção básica**: saúde das mulheres. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf. Acesso em: 2020.

COLL, C. **Os conteúdos na forma**: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ÊXITO CERTO. **Apostila de matemática básica para o ensino fundamental**. [20--?]. Disponível em: https://www.doraci.com.br/downloads/matematica/Apostila_Matematica_Concursos_Fundamental.pdf. Acesso em: 2020.

GARCIA, Rosana Aparecida *et al.* **Protocolo de enfermagem na atenção primária à saúde**. Módulo 1: saúde da mulher. COREN, 2019.

MANUAL DE ORIENTAÇÃO À SAÚDE DA MULHER. UFBA, 2013.

SÃO PAULO. Secretaria da Saúde, Coordenação da Atenção Básica. **Manual técnico**: saúde da mulher nas Unidades Básicas de Saúde. Estratégia Saúde da Família, 2016. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/ManualSaudeMulher302012017.pdf>. Acesso em: 2020.

SEBRAE. **Gestão de custos**: série administração básica. Curitiba: SEBRAE, 2008.

SEBRAE. **Gestão de finanças**: série administração básica. Curitiba: SEBRAE, 2008.

SOARES, Patricia Paloma Gonçalves; FALSARELLA, Ana Maria; PINHEIRO, Osana Barvosa de Abreu. **Relações interpessoais na escola: cultura escolar, conflitos e procedimentos didáticos**.

In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, XVIII. 2016, Cuiabá. **Anais** [...]. Cuiabá: UFMT, 2016.

VILA, Carlos; DIOGO, Sandra; VIEIRA, Anabela. **Aprendizagem**. 2008. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0125.pdf>. Acesso em: 2020.

ORÇAMENTO

14.1 - Planilha Orçamentária por unidade								
Título do Projeto Cerâmica Pataxó - CELEBRANDO O BARRO CELEBRANDO A VIDA								
1 - Grupos	2 - Descrição das grupos	3 - Quantidades	4 - Unidade	5 - Quantidade de unidades	6 - Valor unitário	7 - Total da linha	8 - Total	
	Indique o item ou serviço que será contratado/utilizado	quantidade de cada item da coluna 2	unidade de medida de cada item da coluna 3	quantidade de unidade de medida descrita na coluna 4	preço de cada unidade de despesa	coluna 3 X coluna 5 X coluna 6	soma dos totais da coluna 7	
1	PRE - PRODUÇÃO / PRODUÇÃO							
	professores das oficinas PF	1	horas	200	50	R\$ 10.000,00	R\$ 54.200,00	
	hospedagem e alimentação a cargo a aldeia PJ	4	serviços	24	0	R\$ 0,00		
	transportes	2	semanal	16	200	R\$ 6.400,00		
	matéria prima PJ	1	argila kg	1000	6,5	R\$ 6.500,00		
	Atelie com forno completo para queima e cota PJ	1	serviço	1	9500	R\$ 9.500,00		
	EPI PARA TEMPERATURA PJ	1	serviço	1	700	R\$ 700,00		
	ferramentas diversas PJ	1	serviço	10	250	R\$ 2.500,00		
	Passagens aereas	10	trechos de voo	1	750	R\$ 7.500,00		
	Material de consumo PJ/PF	1		1	1500	R\$ 1.500,00		
1.1	ADMINISTRAÇÃO							
1.1.2	administração /coordenação antropologia PF	2	serviço	4	1200	R\$ 9.600,00	R\$ 7.760,00	
TOTAL PRODUÇÃO e pré produção incluindo impostos								
2	DIVULGAÇÃO (até 20% sobre o total da etapa Produção)							
	criação identidade visual designer gráfico PF	1	serviços	2	800	R\$ 1.600,00		
	impressão PJ	1	serviços	2000	0,78	R\$ 1.560,00		
	blog/fotoblog (criação e manutenção) PF	1	serviço	4	1000	R\$ 4.000,00		
	baners PJ	1	serviços	4	150	R\$ 600,00		
								R\$ 0,00
						TOTAL		R\$ 61.960,00
PJ - Pessoa Jurídica PF - Pessoa Física								

ANEXO 3 – FIGURAS ILUSTRATIVAS

Figura 12

Aula de cerâmica com a presença de Dona Nega Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2011.

Figura 13

Medalhas em cerâmica, produto das oficinas Arte e Educação.

Grafismos como afirmação sempre presentes.

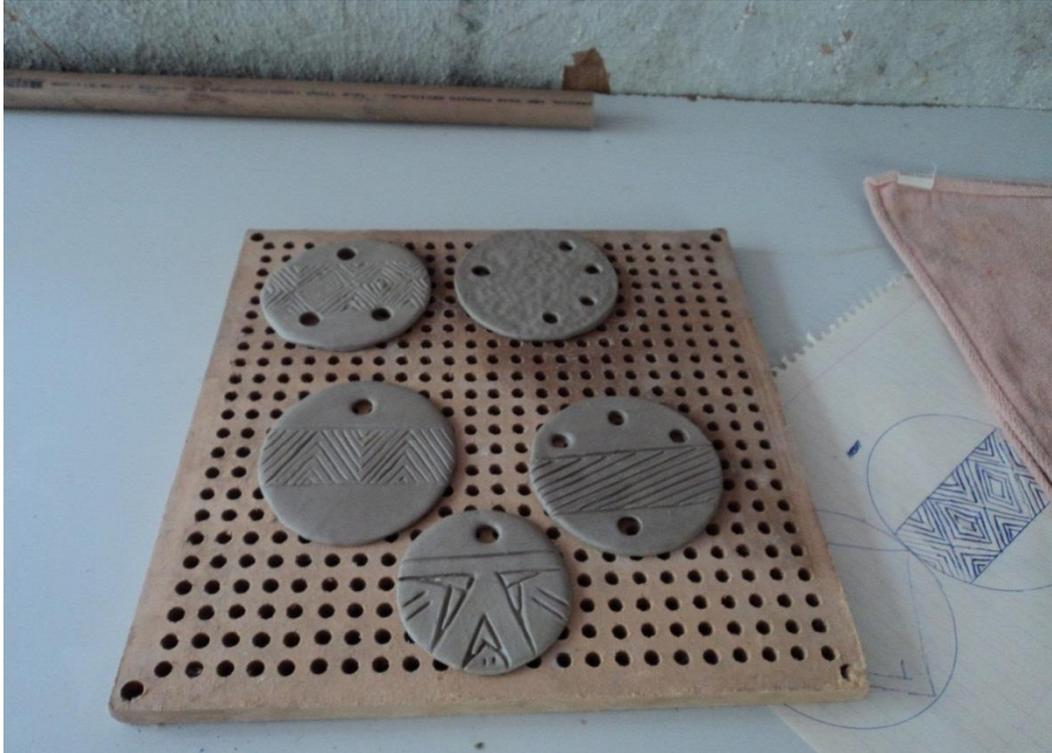


Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2010.

Figura 14

Alunos multiplicadores da Cerâmica Pataxó.

Na Aldeia Pataxó Mirapé, em Porto Seguro/BA. Interação estética através da cerâmica.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia Mirapé, 2017/2018.

Figura 15

Artesanato Pataxó em madeira, gamelas.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Porto Seguro, 2012.

Figura 16

Banner de apresentação do projeto – SNCT/ 2017 UFSB.



Oficina de produção de cerâmica: Do barro ao cinema com os povos indígenas

Introdução

A oficina “Do barro ao cinema com os povos indígenas” realizada pelo PROEXT Programa Arte, história e língua maxakali-pataxó no Complexo Integrado de Educação de Porto Seguro (CIEPS) promoveu a combinação de experiências na produção de peças de cerâmica com a aproximação do universo cinematográfico de realizadores indígenas. A oficina fez parte do Programa Estação dos Saberes, o qual promoveu diversas atividades pedagógicas que integravam o CIEPS com instituições de ensino superiores.

Do barro ao cinema com os povos indígenas, foi responsável por combinar experiências da criação de peças de cerâmica com o cinema indígena, assim a estética dos povos originários se tornou dispositivo central para o fomento das discussões acerca das complexas relações que envolvem essas comunidades. O curso foi ministrado pelo mestre ceramista Oiti Pataxó e contou com atividades extra-classe na Reserva Indígena Pataxó da Jaqueira.



Objetivo

A atividade almejou construir aproximações dos estudantes com os povos indígenas, por meio de atividades estéticas. O uso de materiais de diferentes naturezas – o barro e a câmera – permitiu abrir perspectivas de discussão sobre os povos indígenas na contemporaneidade, proporcionando ao mesmo tempo a tomada de conhecimento da multiplicidade de povos e da complexidade e riqueza de suas culturas.

Justificativa

A Universidade, bem como as Escolas da rede de Ensino Básico, devem tratar com seriedade e afincado o tema das culturas indígenas, assim como as afrodescendentes. Esta parece ser a única forma de vencer as barreiras do desconhecimento que alimenta o preconceito e as ações ainda genocidas, perpetradas contra estes povos. Essa oficina preza por, através das práticas pedagógicas envolvendo o barro e o cinema indígena, expandir a compreensão de história, essa que, muitas vezes, é narrada sob uma perspectiva redutora, empobrecedora, e colonialista.

Considerações Finais

A Oficina produziu diversas peças de cerâmica e realizou exposições de filmes indígenas. A participação nas Estações dos Saberes, representou mais uma ação do PROEXT, que realiza oficinas para a formação continuada dos professores indígenas, assim como de bolsistas estudantes de UFSB que, assim como nesta oficina, atuam na rede de educação básica atendendo à lei 11.645.



PROEXT,
Programa Arte, história e língua maxakali-pataxó:
educação pública intercultural e integral na região Sul da Bahia.



Registro: Paulo Roberto de Souza, 2017.

Figura 17

Detalhe da argila sendo moldada à mão. Um aspecto importante desta trajetória:
a arte feita à mão.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2017.

Figura 18

Jovens alunos do Centro Integrado de Ensino de Porto Seguro (CIEPS): detalhes de seus fazeres da cerâmica durante uma das oficinas do projeto Do cinema ao barro.

Projeto classificado em 12º lugar no prêmio Funarte de Arte e Educação 2018.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2018.

Figura 19

Aula de cerâmica com a participação da mestra Dona Nega Pataxó na Aldeia da Jaqueira, em junho de 2011.

Uma das participações da mestra tradicional que completou 100 anos em 2019.



Foto: Fábio Kamayurá, 2011.

Figura 20

Dona Cadu (100) e Rodrigo (22), ceramistas de Coqueiros – Maragogipe/Bahia. Mestre e aprendiz em plena atividade. A imagem mostra a força dos ensinamentos dessa mestra tradicional em seu ateliê. Possivelmente, a mais velha e um dos mais jovens ceramistas em atividade no Recôncavo Baiano.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2019.

Figura 21

Um detalhe da queima tradicional da cerâmica no Distrito de Coqueiros, às margens do rio Paraguaçu, em Maragogipe, Recôncavo Baiano.



Foto: Débora Mello (LEAA), 2014.

Figura 22

A Celebração do Barro, outra retomada Pataxó, possível através da retomada da cerâmica na aldeia da Jaqueira. A cerimônia começa novamente a ser praticada a partir de 2012 quando da filmagem para registro dessa antiga prática.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2012.

Figura 23

Preparação das aulas públicas de cerâmica no acampamento na aldeia Araticum, às margens da BA 001.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2017.

Figura 24

Fazeres de Dona Nega, um momento de rara magia na aldeia. As lembranças dessa mestra foram fundamentais para a retomada da cerâmica Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2011.

Figura 25

Fazeres da cerâmica: mãos que bailam uma dança circular (como o samba de roda), paixão expressa dessa mestra da leveza e do amor ao barro, mestra Dona Cadu.



Foto: Débora Mello (LEAA), 2014.

Figura 26

Detalhe da Exposição no Museu Brasileiro de Escultura (MUBE) – São Paulo.

A Cerâmica Pataxó nos grandes museus, estimulante à pesquisa e à autoestima da comunidade.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2013.

Figura 27

Detalhe da produção das oficinas do CIEPS, resultado da queima apresentado aos estudantes.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2017.

Figura 28

Detalhes do forno alternativo, experimentado tanto na primeira queima quanto na pintura.

A cerâmica se fazendo do barro, na pressão do fogo.



Foto: Fábio Kamayurá, 2011.

Figura 29

Resultados da pintura usando o próprio barro nas peças confeccionadas pelos alunos do CIEPS em 2017.



Foto: Paulo Roberto de Souza – 2017.

Figura 30

Quimera Pataxó.

Peça em argila, queimada em Raku⁵, decorada com detalhes do grafismo Pataxó. Seres híbridos entre a tartaruga, a preguiça, o gavião, a coruja e a cobra aparecem nas obras dos Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2011.

⁵ Raku – Técnica de queima cerâmica criada por artistas ceramistas japoneses, provavelmente no século XV, trazida para o ocidente no século XVIII. É uma técnica também utilizada na cerâmica tradicional Kaygang. Fonte: o próprio autor.

Figura 31

Lembranças e esquecimentos

Aula com Dona Nega, lembrando suas brincadeiras de infância, seus “pratinhos, panelinhas e potes”.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2011.

Figura 32

Aula do artista e multiplicador da cerâmica Pataxó, Aponê Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2014

Figura 33

Peças em cerâmica, protótipos – produto das oficinas na Aldeia da Jaqueira.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2019.

Figura 34

Detalhe da barreira, local de extração atual da argila na Aldeia da Jaqueira, em Porto Seguro/BA.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2012.

Figura 35

Ferramentas criadas pelos artistas Pataxó da Aldeia Araticum para a prática da cerâmica



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2017.

Figura 36

A cerâmica registrando o nascimento de um novo guerreiro.

Akayêru Megarô Pataxó, filho do Cacique Siratã Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2019.

Figura 37

Detalhes do grafismo em peça cerimonial desenvolvida na Aldeia da Jaqueira.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2019.

Figura 38

Detalhes de grafismo e das figuras zoomorfas em peça cerimonial desenvolvida na Aldeia da Jaqueira.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2019.

Figura 39

Detalhes de grafismo em peças de cerâmica, incensário cerimonial desenvolvido na Aldeia da Jaqueira.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2019.

Figura 40

Apresentação dos resultados das oficinas de produção de cerâmica Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2019.

Figura 41

Apresentação dos resultados das oficinas de produção de cerâmica Pataxó, Exposição SESC Porto Seguro/BA.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2018.

Figura 42

Cerâmicas depois de brunidas, secando ao sol em frente ao ateliê de Dona Cadu, na beira do rio Paraguaçu Coqueiros – Maragogipe.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2019.

Figura 43

Dona Cadu (100 anos) na janela do seu Ateliê no Distrito de Coqueiros, Maragogipe/BA.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2019.

Figura 44

Detalhe de escultura Pataxó sendo criada.

Resultado das oficinas de multiplicação e produção de cerâmica – Autor: Oiti Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2011.

Figura 45

Placas com grafismos Pataxó – resultado das oficinas de produção de cerâmica.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2011.

Figura 46

Apresentação da cerâmica Pataxó na Universidade Federal do Sul da Bahia durante o projeto Mestres dos Saberes. No detalhe, Dona Nega Pataxó e Nayara Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2018.

Figura 47

Detalhe da queima de cerâmica na técnica de Raku, com Aderno Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2016.

Figura 48

O barro está presente no dia a dia da aldeia: Kijemes – construções tradicionais Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2018.

Figura 49

O barro está presente no dia a dia da aldeia: Pinturas corporais do povo Pataxó.



Foto: Paulo Roberto de Souza, 2011.

Figura 50

O barro está presente no dia a dia da aldeia, nas casas, nas cerimônias tradicionais, nas pinturas Pataxó.

Detalhe da Festa Anual do Araguaksã.



Foto: Paulo Roberto de Souza – Aldeia da Jaqueira, 2018.